

VERDE-OLIVA

Exército Brasileiro

BRASÍLIA-DF • ANO XXXIII • Nº 188 • ABR/MAI/JUN 2006 CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO



- BATE-BOLA COM PELÉ
- FORMAÇÃO PROFISSIONAL
- DEFESA QUÍMICA, BIOLÓGICA E NUCLEAR

Financiamento Imobiliário



NOVAS CONDIÇÕES:

- ✓ taxas de juros menores
- ✓ prazos e limites de financiamento maiores
- ✓ carência de apenas 1 mês como poupador POUPEX
- ✓ saldo médio de apenas 10% do valor do financiamento, em Poupança POUPEX

CONDIÇÕES
ESPECIAIS PARA
MILITARES COM PATENTE
ATÉ CAPITÃO

MAIS INFORMAÇÕES: 0800 61-3040

ESCRITÓRIO REGIONAL DA FHE NO DISTRITO FEDERAL - ESCOF

QGEEx - BL. "H" - Térreo (SMU) - 70630-901
Brasília-DF - Fone (61) 3225.3932, 3225.8339, e 3415.6605 - Fax (61) 3415.5459

FHE Fundação
Habitacional
do Exército
fhe.org.br

POUPEX Associação
de Poupança
e Empréstimo
poupex.com.br



VERDE-OLIVA – Ano XXXIII – Nº 188 – ABR/MAI/JUN 2006

Caros Leitores!

Dando seqüência à nossa programação editorial de 2006, tenho a satisfação de fazer chegar a suas mãos a Revista Verde-Oliva nº 188. O nosso objetivo ao publicar esta edição é oferecer-lhes uma leitura agradável e informativa sobre o Exército Brasileiro, suas Organizações Militares e atividades. Espero, como sempre, corresponder às expectativas de nosso leitores.

“Entrando no clima” de Copa do Mundo de Futebol, nossa Revista brinda seus leitores com uma entrevista daquele que foi o mais famoso dos recrutas: **Pelé**.

Para nós do CCOMSEx esse trimestre foi de grande estímulo e realizações. O projeto de expansão da Rádio Verde-Oliva foi posto em prática. Atualmente, todas as Organizações Militares do Exército podem receber o sinal da Rádio. Leiam o artigo e conheçam o sistema *streaming* e suas especificações técnicas, que permite a todos os militares sintonizarem seus equipamentos na Rádio Verde-Oliva. Destacamos, da mesma forma, a visita do diretor do Jornal do Exército Português, congênere à Revista Verde-Oliva, a nossas instalações.

A Amazônia sempre despertou a preocupação e a atenção do Exército Brasileiro. Nossos Pelotões de Fronteira são os únicos representantes do Estado em áreas longínquas e levam aos segmentos nacionais indígena e ribeirinho a brasilidade, a cultura e a identidade nacional. Esse contexto atual é retratado detalhadamente na reportagem do médico **Drauzio Varella** publicada na revista National Geographic, edição de maio de 2006, e aqui reproduzida. Não deixem de ler!

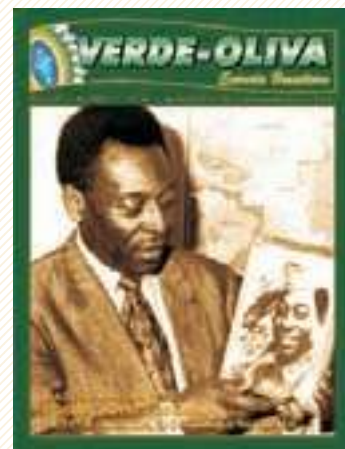
Os recursos humanos representam o maior patrimônio de nossa Força. Seu aprimoramento constitui, historicamente, prioridade por parte do Comando do Exército. Considerada essa relevância, esta edição dedica grande parte do seu conteúdo às Escolas de formação em todos os seus níveis. Nossos leitores conhecerão suas atividades, as condições de ingresso e outras peculiaridades. A leitura desses artigos proporcionará uma visão geral do ensino no Exército Brasileiro.

Quanto à operacionalidade da Força Terrestre, destaco os artigos sobre a "Preparação do Combatente da Força Terrestre", que aborda o Sistema de Instrução Militar do Exército Brasileiro (SIMEB) e a preparação individual das tropas especializadas, e sobre a "Companhia de Defesa Química, Biológica e Nuclear". A revista, também, testemunha a apresentação da viatura leve de emprego geral aerotransportável Gaúcho ao Presidente da República. Conheçam esse material de emprego militar, fruto do intercâmbio científico e tecnológico entre os exércitos do Brasil e da Argentina.

A ética, os deveres e os valores militares são o suporte fundamental da profissão militar. Isso é verdade maior quando se trata do gerenciamento dos recursos humanos da Instituição. O artigo "Recursos Humanos do Exército Brasileiro" apresenta a visão ética do Departamento Geral de Pessoal (DGP) na condução das atividades de pessoal.

Obrigado, boa leitura e até a próxima edição.

Gen Div ANTÔNIO GABRIEL ESPER
Chefe do CCOMSEX



NOSSA CAPA

Pelé exibe orgulhoso uma foto do então Soldado **Nascimento**.

PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO (CCOMSEx)

• Chefe do CCOMSEx:

Gen Div Antônio Gabriel Esper

• Subchefe do CCOMSEx:

Cel Art José Júlio Dias Barreto

• Chefe de Produção e Divulgação:

Cel Inf Claudinei Roncolato

CONSELHO EDITORIAL

Cel Art José Júlio Dias Barreto, Cel Inf Claudinei Roncolato,

Cel Cav Luiz Felipe Kraemer Carbonell,

Cel Art Antonio Carlos Machado Faillace, Cel R/1 Anderson de Castro

Barros e Ten Cel Cav Walter Gomes da Silva Junior

SUPERVISÃO TÉCNICA

Cel R/1 Anderson de Castro Barros

REDAÇÃO

Ten Cel Art Afonso Henrique Ignácio Pedrosa,

Ten Cel QMB Luciano José Penna

1º Ten QCO Regina Célia de Souza Lemos Barros

PROJETO GRÁFICO

1º Ten QAO Osmar Leão Rodrigues

1º Ten QAO Topo Carlos Alberto Ramos de Morais

SC Margonete Nazide Nogueira

COORDENAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

Centro de Comunicação Social do Exército

IMPRESSÃO

ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA

Rua Espírito Santo, 95/117 – Juiz de Fora-MG

Fones: (32) 2101-4500

www.esdeva.com.br

TIRAGEM

30.000 exemplares • Circulação dirigida
(no País e no exterior)

FOTOGRAFIAS

Arquivo CCOMSEX

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Maria José dos Santos Oliveira – RP/DF/MS 3199

PERIODICIDADE

Trimestral

É permitida a reprodução de artigos, desde que citada a fonte, exceto das matérias que contiverem indicação em contrário.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Quartel-General do Exército – Bloco B – Térreo

70630-901 – Setor Militar Urbano – Brasília/DF

Telefone: (61) 3415-4399 • Fax: (61) 3415-5263

www.exercito.gov.br

verdeoliva@exercito.gov.br



SUM



ANEXO

PROJETO DE EXPANSÃO DA RÁDIO VERDE-OLIVA	7
VERDE-OLIVA ENTREVISTA - EDSON ARANTES DO NASCIMENTO	8
A ÚLTIMA FRONTEIRA	10
O SERVIÇO MILITAR	18
PREPARAÇÃO DO COMBATENTE DA FORÇA TERRESTRE	20
COMITIVA DO EXÉRCITO PORTUGUÊS VISITA O CCOMSEx	24
FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO OFICIAL DE CARREIRA	29
FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO OFICIAL TEMPORÁRIO	32
FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO SARGENTO COMBATENTE	34
FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO SARGENTO TEMPORÁRIO	37
VIATURA LEVE DE EMPREGO GERAL AEROTRANSPORTÁVEL	39
DESPORTOS NO EXÉRCITO	40
RECURSOS HUMANOS DO EXÉRCITO BRASILEIRO	42
COMPANHIA DE DEFESA QUÍMICA, BIOLÓGICA E NUCLEAR	46
PERSONAGEM DA NOSSA HISTÓRIA - OSWALDO CRUZ	50



“Olá, Gostaria primeiramente de parabenizá-los pelo excelente trabalho de todos que, de alguma maneira, colaboram para a publicação da Revista Verde-Oliva.

Toda vez que leio a revista enriqueço meu conhecimento sobre a nossa história e do quanto o Brasil e suas Forças Armadas, com todo o seu glorioso passado, precisam ser lembrados e respeitados.”

Leandro Zanata – Bauru-SP

“Prezados Senhores, meu nome é **Kléber Villas Bôas Ramos**, tenho 84 anos, Veterano da II Guerra Mundial com a gloriosa FEB. Incorporei no querido 6º RI (Caçapava-SP), embarcando para a Itália com o 1º Escalão.

Tenho em mãos as extraordinárias Revistas Verde-Oliva nº 184 e 185, presente da Seção de Relações Públicas do 10º BE Cnst (Batalhão de Engenharia de Construção) de Lages.

Maravilhosa a reportagem sobre a FEB-60 anos! Obrigado por relembrar fatos ocorridos comigo e saudades dos companheiros que deram seu sangue para salvar a democracia! Obrigado!”

Kléber Villas Bôas Ramos – Lages-SC

“Venho através deste parabenizá-los pelo excelente editorial da Revista Verde-Oliva, a qual acompanho desde 1985. Parabenizo ainda pela excelente entrevista da revista nº 185 com o Marechal **Waldemar Levi Cardoso**, que não conheci, mas me lembro das histórias que meu avô (oficial do EB já falecido) contava sobre a II guerra, a FEB e as Revoluções de 30 e 32, que tiveram a participação do marechal.”

Luciano Fasanaro Osasco-SP

“Excelentíssimo senhor, na oportunidade em que nos dirigimos a Vossa Excelência, cumprimentando-o cordialmente, vimos, por intermédio deste, parabenizar esse Centro de Comunicação Social pela publicação da excelente Revista Verde-Oliva, a qual divulga, com muita seriedade e preci-

são, as atividades desempenhadas pelo Exército brasileiro. O Exército tem sido um grande parceiro de nossa Universidade e temos muito orgulho de saber que suas equipes estão sempre lutando pela paz, realizando ações que visam a melhoria da qualidade de vida das comunidades em que atuam, bem como, despertando em nossos jovens a esperança de um futuro melhor.”

Clovis Fernando Ben Brum – Diretor Geral da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Santiago-RS

“Sou um monge beneditino do mosteiro São Bento de São Paulo-SP. Antes de entrar no mosteiro eu era sargento do Exército. Hoje tenho 26 anos e gosto muito de ler a Revista Verde-Oliva, pois gosto de todas as matérias e em cada edição vocês nos surpreendem cada vez mais. Gostaria muito que vocês comentassem mais sobre a assistência religiosa nas Forças Armadas.”

Ir. Romano Júlio dos Santos – São Paulo-SP

“É com imenso prazer que acuso o recebimento das maravilhosas Revistas Verde-Oliva de nº 185 e 186 do ano de 2005, que vieram repletas de assuntos surpreendentes como o Editorial e o Espaço do Leitor, a entrevista com o Exmº Sr Gen Div **Augusto Heleno Ribeiro Pereira**, sobre o nosso glorioso Exército brasileiro no Haiti, as Aditâncias do Exército no Exterior, a AMAN desfilando em solo francês, o Batalhão D. Pedro II, o Regimento Sampaio e a FEB 60 anos, parte final.

José Valentim de Oliveira – Caruaru -PE

“Venho mais uma vez parabenizar essa magistral equipe do CCOMSEX. Durante três anos e meio venho recebendo a Revista Verde-Oliva na minha residência. Espero continuar a receber as revistas para ficar atualizado com os assuntos do nosso Exército Brasileiro.”

Walter Júnior – Recife-PE

Caro leitor

É um grande estímulo constatar que a Verde-Oliva atinge público tão diversificado, que abrange desde veteranos da FEB até jovens universitários.

Contamos com a participação dos nossos leitores para fazermos uma revista cada vez melhor. Escrevam sempre.

Equipe da Revista Verde-Oliva.

NAS ONDAS DO RÁDIO

PROJETO DE EXPANSÃO DA

Em 12 de junho, a Rádio Verde-Oliva FM completou quatro anos dedicados à criação, produção e difusão de programas identificados com os valores culturais, cívicos e militares do Brasil, acompanhados, sempre, de música de qualidade.

Vinculada à Fundação Cultural Exército Brasileiro, a 98,7 FM é operada pelo Centro de Comunicação Social do Exército, com potência autorizada pela Agência Nacional de Telecomunicações de 5 kw. Esse fato restringe a audiência da Rádio ao Distrito Federal. Mas, diante do grande interesse de outras guarnições, a emissora desenvolve projeto de expansão que permitirá estender sua programação para todas as Organizações Militares do Exército no País e no exterior.

Amplas são as possibilidades técnicas de exportar o sinal via satélite e (ou) via Internet. A expansão via satélite terá como base a transmissão pela Empresa Brasileira de Telecomunicações (EMBRATEL), a partir de Brasília, e a recepção do sinal em antenas parabólicas que serão instaladas nas sedes dos Comandos Militares de Área (Comando Militar do Sul, Comando Militar do Sudeste, Comando Militar do Leste, Comando Militar do Nordeste, Comando Militar da Amazônia e Comando Militar do Oeste), Escolas Militares (Academia Militar das Agulhas Negras, Escola Preparatória de Cadetes do Exército e Escola de Sargentos das Armas) e Comando da 1ª Divisão de Exército (Rio de Janeiro-RJ). A transmissão, de altíssima qualidade, possibilita que o sinal trafegue pela rede EBnet a partir dos Centros de Telemática de Área. Isso vai multiplicar, sobremaneira, a audiência da Verde-Oliva FM.

Pela Internet, o sistema utilizado é o *streaming* – tecnologia de transmissão que disponibiliza o sinal sonoro, em tempo real, para até 400 acessos simultâneos.

Com a implementação do plano de expansão, a Rádio Verde-Oliva FM passará a atingir público considerável, em todas as regiões do Brasil, contribuindo, dessa forma, para preservar e divulgar a imagem da Força. —





BATE-BOLA COM PELÉ



No ano de 1958, o Brasil participou da Copa do Mundo de Futebol, realizada na Suécia, e sagrou-se campeão mundial. Entre os atletas brasileiros, iniciava brilhante carreira um jovem de apenas 17 anos: **Edson Arantes do Nascimento, o Pelé**.

Ano seguinte, outro evento marcou a vida do jovem **Edson**: o Soldado 201 **Nascimento** foi incorporado ao Exército Brasileiro, no então 6º Grupo Móvel de Artilharia de Costa, em Santos (SP). A formação militar básica, os serviços de guarda ao quartel, a disciplina militar, o respeito ao próximo, os hábitos e outros ensinamentos da caserna deixaram suas marcas no recruta. Essas saudosas lembranças e os grandes ensinamentos colhidos o acompanharam em muitas outras vitórias que foram alcançadas por aquele que é considerado o melhor jogador de futebol de todos os tempos e o Atleta do Século.

Revista VO – Como sua carreira de atleta teve início?

Pelé – Meu pai era jogador de futebol e um companheiro dele chamado **Waldemar de Brito**, que era treinador do Baquinho da cidade de Bauru (SP), me levou para o Santos Futebol Clube aos 15 anos de idade.

Revista VO – Que ensinamentos obteve na caserna que lhe serviram de base para a sua carreira de sucesso?

Pelé – Os grandes ensinamentos que eu tive foram a disciplina e o respeito ao próximo.

Revista VO – Histórias da caserna fazem parte da vida de todos os militares e ex-militares. Quais são as passagens mais marcantes do Soldado 201 **Edson Arantes do Nascimento durante o seu tempo de quartel?**

Pelé – Eu tive muitas histórias interessantes, aprendi a costurar, cozinhar, lavar e passar roupas. Quando voltei da Copa do Mundo da Suécia (1958), tirava serviço de sentinela no portão do quartel em Santos (SP) e todo mundo que passava queria cumprimentar o **Pelé**,

campeão do mundo, e pedir autógrafos. Eu morria de vergonha e levava bronca do sargento.

Revista VO – O Exército Brasileiro entrega à sociedade, após o serviço militar, jovens em condições de exercerem sua cidadania. Como o Senhor avalia o papel educativo do Serviço Militar?

Pelé – É um papel muito relevante que o Exército desempenha na nossa sociedade. Pena que, após esse trabalho importante com o jovem, não haja continuidade, em termos de serviços de base educativa, por parte de nossos governantes.

Revista VO – O Exército é uma das instituições de maior credibilidade do País, segundo pesquisas recentemente divulgadas. O senhor se orgulha de ter vestido a farda verde-oliva?

Pelé – Com certeza o Exército Brasileiro é ainda a instituição mais confiável e respeitada no Brasil.

Eu me orgulho muito, porque serviu de base para minha formação e meu caráter. Acho que todos os jovens deveriam passar pelo Exército.

Revista VO – O que representa para um atleta vestir a camisa da seleção brasileira de futebol, esporte que é paixão nacional, durante uma Copa do Mundo?

Pelé – Vestir a camisa da Seleção Brasileira numa Copa do Mundo representa dar alegria e defender o nosso povo até a morte.

Revista VO – Como eterno embaixador brasileiro e Rei do Futebol mundial, que mensagem o senhor daria aos jovens brasileiros, em termos de civismo, cidadania e engajamento nas causas nacionais?

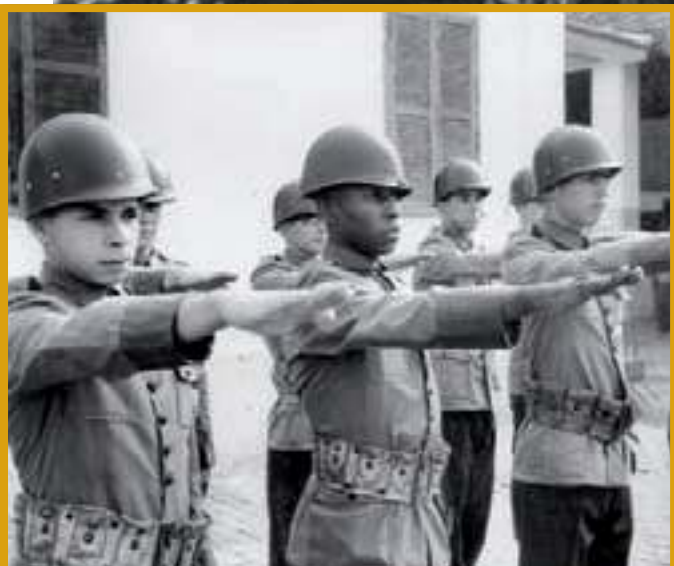
Extrato das Alterações do Soldado Nascimento (Edson Arantes do Nascimento – Pelé)

“(…) incorporar a contar de 20 de janeiro de 1959, sendo considerado recruta na instrução, tornando-o Nr 201 e com os seguintes sinais característicos: Edson Arantes do Nascimento, filho de João Ramos do Nascimento e Dona Celeste Arantes, nascido em 21 de outubro de 1940, em Três Corações, Estado de Minas Gerais, solteiro (...), sabe ler e escrever, profissão: jogador de futebol, cúteis negra, olhos: castanhos escuros, altura 1,68, cabelos: castanhos escuros carap, barba: raspada, bigode: raspado, sinais particulares: não tem. Alistado em 30 de abril de 1958, em São Paulo.”

Pelé – Eu sempre procurei não decepcionar o povo brasileiro, dentro e fora do campo. Esse exemplo é a minha mensagem de civismo e cidadania para os jovens brasileiros.

Revista VO – Deixe sua mensagem aos jovens que estão ingressando nas Forças Armadas.

Pelé – As Forças Armadas têm a obrigação de defender o País, por isso a disciplina é muito forte. Como eu, aos 18 anos, os jovens que integrarem as Forças Armadas Brasileiras sentirão, no início, uma pressão muito forte, mas, no final, eles se acostumarão e terão orgulho de terem vivido essa experiência. Eu agradeço ter passado pelo Exército Brasileiro. ➡



Solenidade de Compromisso à Bandeira Nacional



Pelé integrando a equipe de futebol da sua OM, que serviu de base para a seleção do Exército que se sagrou campeã sulamericana em Buenos Aires, em 1959



*Foto editada pelo Jornal dos Sports – Rio de Janeiro-RJ.
Fotos menores: arquivo/CCOMSEX*

“ Com certeza o Exército Brasileiro é ainda a instituição mais confiável e respeitada no Brasil. Eu me orgulho muito, porque serviu de base para minha formação e meu caráter. Acho que todos os jovens deveriam passar pelo Exército. ”

ÍNDIOS, SOLDADOS, MONTANHAS IMPROVÁVEIS E RIOS
TRAIÇOEIROS DELIMITAM UMA AMAZÔNIA MISTERIOSA,
AFEITA AOS SONHOS E DESTINOS DOS ANTIGOS
EXPLORADORES.

A ÚLTIMA FRONTEIRA

Por Drauzio Varella (*)
Fotos de Araújo Alcântara



Sobrevoar as florestas do alto rio Negro é viver o êxtase. Durante horas de vôo, até onde a vista alcança, são 360 graus de mata virgem; parece o mar. Mas, no alto-mar, descontada a onipresença do céu, em dez minutos o universo visual do viajante se esgota, enquanto no alto rio Negro as florestas são diversificadas e surpreendentes. Num momento, majestosas copas se acotovelam sem deixar uma nesga de espaço livre; a impressão é de que uma flecha atirada do helicóptero ficaria espetada no dossel. Noutro, surgem sulcos escuros e depressões de relevo com desníveis sombreados, árvores majestosas, galhos secos de formas bizarras, palmeiras esparsas e tucaneiras abarrotadas de flores amarelas que dão o ar da graça, aqui e ali, em meio às infinitas tonalidades do verde.

Inesperadamente, a floresta estanca e abre espaço para uma campina quilométrica de copas mirradas, entremeadas pelos troncos esbranquiçados das embaúbas e por arbustos mais baixos, como se uma tesoura monumental tivesse feito a poda. Mais adiante, novamente a mata impenetrável, uma pedra gigantesca marcada por linhas brancas que escorrem do topo feito lágrimas e os picos da serra ao fundo encostados nas nuvens.

Em todo o percurso os rios fazem a alegria da floresta. Nas matas baixas, parecem serpentes gigantes que se enrolam caprichosas para aprisionar pequenas ilhas em seus domínios. Nas mais fechadas, aparecem sinuosos, brincalhões,



SÍMBOLO VIVO O nome da Amazônia remete às maravilhas ambientais de outras áreas, como o sul do Pará. Uma sentença de paz para espécies como a onça-pintada, ícone da vida selvagem no Brasil.



Vãos descortinam visões majestosas da Amazônia, como o morro dos Seis Lagos (à esquerda). A Cabeça do Cachorro tem cerca de 110 mil quilômetros quadrados – área maior do que a de Pernambuco (à direita)

viram à direita e à esquerda, voltam para trás indecisos, seguem em frente, depois se escondem para aparecer mais adiante com águas espelhadas, até serem engolidos pelas árvores outra vez.

Durante muitos anos alimentei o desejo de conhecer os extremos da bacia do rio Negro, nas fronteiras com Colômbia e Venezuela, na região conhecida como Cabeça do Cachorro, assim chamada pelo traçado local do mapa do Brasil. Mas como chegar lá?

A última cidade da região é São Gabriel da Cachoeira, construída à margem esquerda do rio Negro, a 1.146 quilômetros de Manaus por via fluvial. De São Gabriel em diante, restam apenas duas chances de acesso: de barco, em viagens penosas rio acima enfrentando corredeiras, ou de avião, até aterrissar nas pistas de pouso das guarnições militares de Pari-Cachoeira, Iauaretê, Querari, Tunuí-Cachoeira, São Joaquim, Maturacá e Cucuí.

O Bandeirante da Força Aérea Brasileira em que embarcamos em Manaus era despojado: de cada lado, um banco de lona comprido; no teto, de ponta a ponta, um cabo de aço para os pára-quedistas; e mais nada. O resto era calor úmido para mais de 40 graus. Em poucos minutos estávamos com o rosto escorrendo e a camisa grudada no corpo. Só foi possível sair daquela sauna quando já voávamos alto.

Conosco viajavam dois tenentes-médicos: **Ronnie**, obstetra mineiro, e **Karina**, gaúcha muito loira, anestesista, que retomavam a São Gabriel depois de haver transportado dois doentes para Manaus – um bebê de cinco meses com insuficiência respiratória e um sargento com um quadro estranho de pneumonia. O bebê era da etnia hupda, que tentara vir ao mundo prematuramente em Iauaretê por meio de um parto complicado que forçou a transferência da mãe às pressas para o hospital do Exército em São Gabriel, onde, enfim, nasceu com dois quilos. Ao ouvir que o filho era portador de uma cardiopatia complexa, a mãe retornou à comunidade, segundo a tradição de sua tribo de entregar à própria sorte descendentes considerados inviáveis. Mesmo com o coração malformado, a criança sobreviveu cinco meses até contrair a pneumonia atual, razão da viagem sob os cuidados da doutora, que assim fez seu primeiro transporte de paciente grave na Amazônia – um dos papéis humanitários assumidos pelo Exército e a FAB nessa parte do país.

São Gabriel era uma fileira de malocas indígenas erguidas na encosta do rio Negro quando o naturalista brasileiro

Alexandre Rodrigues Ferreira a avistou em 1785, durante a sua Viagem Philosophica. Hoje, é a segunda maior cidade do rio Negro, sede de um município com mais de 600 comunidades espalhadas por uma área maior do que Portugal, em que vivem 40 mil habitantes, dos quais 95% de origem indígena, pertencentes a uma das 22 etnias que habitam a região há mais de dois mil anos.

Na encosta, não existem mais as malocas da Viagem Philosophica, mas uma série de casas enfileiradas que vão dar num promontório com uma igrejinha branca. Visto da igreja, o rio forma rodadoiros e emite um rumor abafado ao passar pelas pedras da corredeira em frente à cidade, uma ilha grande, outras menores acima e abaixo e uma praia de areia branca que emerge na vazante para submergir na cheia. No rio Negro, o nível das águas pode baixar a ponto de encalhar o marinheiro mais experiente, para subir 12,15 metros com as chuvas e inundar a floresta, formando milhares de igapós e igarapés.

Ao longe, as montanhas da região conhecida como Bela Adormecida, nome escolhido por lembrar a silhueta de uma moça deitada com as mãos entrelaçadas sobre o peito. Esse era o lugar mais bonito que já havia visto até então, antes que meu horizonte estético se ampliasse com essa visita à Cabeça do Cachorro.

Na manhã seguinte, no aeroporto de São Gabriel, recebemos o reforço de um helicóptero *Black Hawk*, de vários militares em missão profissional e partimos na direção de Pari-Cachoeira, voando sobre a calha do rio Negro até o ponto em que nele deságua o rio Uaupés, depois de haver percorrido mil quilômetros em território colombiano e mais de 300 no Brasil.

O encontro desses dois gigantes negros da Amazônia não acontece em linha reta: é precedido por um ritual de circunvoluções no percurso das quais seus leitos se estreitam e se alargam como tentáculos retorcidos para retardar a confluência inevitável. Quando esta finalmente acontece, as águas se avolumam, invadem as margens, criam ilhas na correnteza, ensaiam voltar à calha, mas transbordam para os lados várias vezes, até serem contidas por mãos invisíveis que as empurram na direção das cachoeiras de São Gabriel.

Voamos no sentido contrário à corrente do Uaupés, sobre as matas mais preservadas do Brasil, rasgadas por uma infinidade de rios, igapós esparsos que refletem a luz do sol como bandejas de prata no chão da floresta, e a serra ao



Pelo município de São Gabriel da Cachoeira (acima), que engloba toda a Cabeça do Cachorro, espalham-se mais de 600 comunidades, onde vivem 40 mil habitantes, 95% deles de origem indígena – é a cidade com maior população do gênero no país.

fundo, desconunal, sem picos, tão plana que dá impressão de ser possível passear de carro em seu topo.

Na curva em que o Uaupés recebe as águas do rio Tiquié, no meio do nada, vai surgindo uma mancha branca microscópica que adquire a forma de uma igreja com duas torres e um conjunto de construções imponentes de três andares, cheias de janelas, à direita e atrás da igreja. Ao lado, a comunidade e uma pista de areia branca com rastros do último avião.

“Taracúá”, diz o coronel **Daniel Vianna Peres**, a meu lado no helicóptero, que, junto com Pari-Cachoeira e Iauaretê, forma os vértices do triângulo tucano, a etnia predominante na região: “foi construída pelos salesianos em 1923. Hoje, está em decadência”.

Parece incrível que seres humanos tenham levantado edifícios de tal porte naquele ermo; difícil imaginar que os construtores não tenham se valido de boa dose de trabalho escravo. Ainda assim, que homens obstinados!

A Missão de Taracúá foi parte do sonho salesiano de salvar a alma dos indígenas do alto rio Negro, que viviam à mercê dos abusos dos comerciantes, únicos brancos que lá chegavam até o início do século 20, atraídos pelos lucros do extrativismo. A estratégia dos padres consistiu em introduzir o catolicismo no ambiente familiar através das crianças educadas em regime de internato, submetidas a regras rígidas que se destacavam pela proibição de falar a língua de origem.

Foram construídos colégios como os de Taracúá (1914), Iauaretê (1929), Pari-Cachoeira (1940) e Maturacá (1953). Por meio deles, os padres procuraram convencer os índios a abandonar suas malocas – consideradas promíscuas pelos religiosos –, desestimularam os rituais de iniciação masculina, deram fim aos enfeites e instrumentos cerimoniais e condenaram a atividade dos pajés. Os colégios se tornaram pólos de atração para os indígenas, que migraram de suas vilas a fim de estar mais perto dos filhos e dos recursos materiais.

Apesar da disciplina férrea, muitos ex-alunos guardam boas lembranças do internato. Em Pari-Cachoeira, seu **Mário**, 60 anos, da etnia tuiúca, é um deles. “Quando vim para o colégio, estranhei muito, na minha comunidade andava pelo mato atrás de passarinho, ninguém gritava comigo nem me dava ordem o tempo inteiro. Não falava português,

levelei dois anos para entender o que se passava. Mas no final foi bom, aprendi a língua e a ter responsabilidade.”

Seu **Geraldo Marques**, cubeu de 50 anos, que estudou em Iauaretê, viveu experiência semelhante. “Fui para o colégio com sete anos. Meus pais mudaram para perto, pois na comunidade era muito dificultoso por causa da distância. A pessoa podia produzir, mas precariamente, e não tinha como vender a produção.”

Os internatos salesianos, que chegaram a ter mais de 400 alunos, foram desativados depois do corte das verbas federais, em 1979. No local, funcionam escolas instaladas nas áreas que resistiram ao tempo, mas ainda preservam vestígios de outras épocas: portas e janelas altas, lajotas de desenhos geométricos nos corredores, pátios internos que exibem a imagem de Dom Bosco, patrono da ordem, e a inscrição de sua máxima: “Basta que sejais jovem para que eu vos ame.”

Com esse lema afixado nos quartéis, foram instalados os Pelotões Especiais de Fronteira, que ocuparam o espaço de influência perdido pelos internatos, ao longo dos 1,6 mil quilômetros da fronteira noroeste do Brasil. São cerca de mil soldados distribuídos entre a sede em São Gabriel da Cachoeira e as unidades construídas à beira dos principais rios fronteiriços ao lado de uma pista de pouso através da qual chegam as provisões trazidas pela FAB.

Cada pelotão é chefiado por um tenente com pouco mais de 25 anos que exerce o papel de comandante militar, prefeito, juiz de paz, delegado, gestor de assistência médico-odontológica, administrador do programa de inclusão digital e o que mais for necessário assumir nas comunidades carentes das imediações, esquecidas pelas autoridades municipais, estaduais e federais.

Anteriormente formados por militares oriundos de outras partes, hoje os pelotões recrutam soldados das comunidades indígenas que os cercam. Segundo o General **Francisco Roberto de Albuquerque**, Comandante do Exército Brasileiro, essa orientação foi ditada por razões profissionais. “O militar do sul pode ser mais preparado intelectualmente, mas nas missões na selva ninguém se compara ao soldado indígena.”

Para os adolescentes das imediações, alistar-se é o trabalho mais almejado. Na comunidade, os soldados são respeitados e moram nas melhores casas. Considerados baixos nas cidades, seus salários representam muito na Cabeça do Cachorro.

Nossa chegada aos pelotões em companhia do Coronel **Vianna Peres** era invariavelmente saudada pelos militares em formação, que apresentavam armas a seu comandante e cantavam o Hino Nacional. Ver soldados com traços característicos de desanos, tucanos, tarianos, baniuas, ianomâmis, curipacos, cubeus, uerequenas, com os rostos queimados de sol, fardados, cantando o Hino Nacional a plenos pulmões naquele isolamento, evoca sentimentos de brasilidade que nem a previsibilidade da cerimônia é capaz de amortecer.

Enquanto a defesa de nossas fronteiras é missão primordial do soldado, para os indígenas o conceito de linha divisória é abstrato. “Índio não tem fronteira”, é o que dizem, e passam de um lado para outro sem ser importunados pelos militares brasileiros, colombianos ou venezuelanos.

Como no tempo dos Salesianos, os pelotões atraíram habitantes de cada rio à beira do qual foram construídos; em suas imediações circula o bem mais raro: salário. Para os militares e suas famílias, os indígenas conseguem vender algum artesanato, trocar farinha e frutas por gêneros de primeira necessidade, produtos de higiene, peças de vestuário. No quartel, existe possibilidade de acesso à assistência médica, ao dentista, à sala de internet, ao transporte aéreo em caso de doença ou de extrema necessidade e à escola para as crianças.

De Pari-Cachoeira, na mandíbula do cachorro, às margens do Tiquié, a Maturacá, na nuca do cachorro, região do pico da Neblina, perguntei a todos com quem conversei qual o maior sonho de suas vidas: sem exceção, responderam que era ver filhos e netos na escola.

A consciência de que por meio da educação os filhos viverão melhor é resultado das agruras enfrentadas por mulheres e homens que não dominam as técnicas de criação de animais domésticos e plantam numa terra infértil que, além da mandioca e de meia dúzia de frutas, nada produz. Natureza cheia de caprichos: florestas exuberantes, solo ingrato para a agricultura.

Pujança e fragilidade: eis a contradição fundamental da bacia do rio Negro. Em vastas áreas basta cortar umas poucas árvores para que o chão se transforme em areia branca

sem um fiapo de verde. Rios que assustam pelo volume de água secam de tal forma na vazante que é preciso carregar a canoa nas costas. Águas que sugerem fartura de peixes passam meses a escondê-los do pescador. Em Iauaretê, agrupamento urbano ao redor do qual vivem três mil indígenas, às margens do caudaloso Uaupés, o quilo de peixe em fevereiro, mês de muitas chuvas, custa dez reais.

As distâncias descomunais e as dificuldades de navegabilidade encarecem sobremaneira o custo de vida. É mais barato fazer compras em Manaus, no Rio de Janeiro ou em São Paulo. A cidade mais próxima, São Gabriel, fica a dias de viagem. Como chegar até ela se o litro de gasolina em Iauaretê custa R\$ 4,20, e são necessários 200 litros para descer o rio Uaupés com o motorzinho rabeta e mais 250 a 300 para subir? Como observou seu Pedro, índio desano de Pari-Cachoeira, o rosto marcado pelo abuso de álcool: “A vida na Cabeça do Cachorro custa os olhos da cara!”

De fato, em Iauaretê, o quilo de arroz não sai por menos de quatro reais; e o de frango, no mínimo sete. Uma lata de conserva custa R\$ 3,50. Quando perguntei a uma senhora tariana que levava às costas um cesto dotado de uma alça presa à testa, sobrecarregado de utensílios, enquanto o marido tucano vinha atrás de mãos abanando, quanto custava o quilo de feijão, ela respondeu sem graça: “Não sei. Sou pobre, não como feijão.”

Quase não existe trabalho remunerado disponível, as aposentadorias são raras e os programas federais de distribuição de renda não chegam até eles. Como vivem num estágio anterior ao da divisão do trabalho, aos desafortunados cabe ganhar o sustento nos roçados de mandioca, na caça e na pesca, tarefas que consomem todas as energias.

Eduardo Martins, cubeu de Querari, 45 anos, descreve as dificuldades. “O homem derruba a mata com machado, espera o verão e põe fogo. Depois, a mulher planta mandioca e roça o mato que cresce, até colher, para ela fazer farinha, beiju, todas essas coisas que índio gosta. De manhã, quem comeu uma caça, um peixinho, agüenta trabalhar até duas ou três horas da tarde, mas quem só comeu mingauzinho de farinha com água meio-dia precisa parar. Dinheiro é muito difícil. Graças a Deus, no ano passado veio a cesta básica para as crianças.

Tem sido o único programa federal a contemplar os moradores, mas médicos do Exército se queixam de que nos lares de crianças desnutridas às vezes o leite



LONGA ESPERA

Mulheres indígenas aguardam por atendimento na cidade de Maturacá. A mortalidade infantil elevada é um dos sintomas das preocupantes condições de saúde nas isoladas comunidades.



BEIRA DE RIO

A aldeia ianomâmi de Maturacá (acima) se ajeita à margem sinuosa do rio homônimo e é uma referência para os viajantes que se dispõem a subir o pico da Neblina, ponto culminante do Brasil (2.994 metros).

Em Iauaretê, um índio tariano se ornamenta para uma cerimônia (à direita). O papel dos homens é controverso nas culturas locais. Cabe às mulheres o trabalho pesado: além da roça, elas cuidam da casa e dos filhos.



em pó é consumido pelo pai, com a desculpa de que ele precisa estar forte para pescar – senão a família toda passa fome.

As mulheres trabalham mais: além da roça, cuidam da casa, dos filhos e carregam pesos enormes. Em Maturacá, vi duas senhoras de idade, estatura baixa, característica dos ianomâmis, sob um sol amazônico, com o cesto nas costas tão cheio de lenha que as forçava a envergar a coluna feito arco para não cair para trás, enquanto um bando de homens vadiava na aldeia.

Um grupo de mulheres fundou a Associação das Mulheres Indígenas de Iauaretê (AMIDI), com o objetivo de comercializar o artesanato por elas fabricado. Com auxílio financeiro de entidades do exterior, construíram um sobradão que pretendem transformar em hotel, e no qual se reúnem para fazer cestos e bolsas de palha. Com forte sotaque tucano, uma senhora justificou a criação da AMIDI. “Nós cansamos de ver o marido chegar em casa bêbado e gritar com a gente, que nós vivemos às custas dele,

o tempo antigo já acabou, também queremos ter nosso dinheiro”, diz.

Dona **Regina**, da etnia baniua, que chegou mocinha em Cucuí, casada há mais de 30 anos com um barê, não tem os homens em melhor estima. “Aqui em Cucuí, as coisas já mudaram, mas a vida é dura para a mulher destas beiras de rio. Porque ela, para bem dizer, é que precisa dar conta da vida: fazer farinha para comprar sabão, sal. A mulher acorda, faz o mingauzinho para os filhos e vai para a roça. Capina embaixo de um sol que não tem piedade. A mulher agüenta porque tem que agüentar, o homem é mais alterado, chega bêbado, e, se ela reclamar, apanha. A gente não tem direito quase. Não se espera que ele vá dar alguma coisinha ou uma roupinha para as crianças. A mulher é que tem que se virar”, reclama.

“Então, para que serve o homem?”, perguntei. “Homem só serve para fazer filho e pescar; para outra coisa, não presta”, emenda ela, que, apesar das queixas, nem por sonho abdicaria da condição feminina. “Se fosse para nascer de novo, queria ser mulher outra vez. Eu gosto de trabalhar.”

O alcoolismo e o cortejo de violência física e tragédias médico-sociais causadas por ele constituem o problema mais grave de saúde pública da região. O álcool é consumido sob a forma do tradicional caxiri – bebida de baixo teor alcoólico preparada pelas mulheres por meio da fermentação da mandioca –, que os homens bebem aos litros em festas comunitárias que chegam a durar uma semana, ou sob a forma de cachaça, cuja venda é ilegal nas terras indígenas, mas pode ser encontrada em qualquer canto. Antes da demarcação, a cachaça era vendida livremente. Com a proibição que se seguiu, diminuiu o número de bêbados pelas ruas, pois os preços subiram: 1 litro de uma marca que em São Gabriel custa 4,50 reais, entre os ianomâmis de Maturacá é comercializado a 20 e em Iauaretê a 50. Ainda assim, compradores não faltam.

Diante de nosso espanto, o líder comunitário **Rafael Brito**, da etnia tariana, explicou: “Os senhores já viram droga custar barato?” Frase que provocou o comentário de **Valdemar Gonçalves**, ex-carcereiro do Carandiru, auxiliar de som da minha equipe: “Eu não conseguiria viver aqui, o senhor me desculpa, mas não ia dar”.

Bebida não é problema para os curipacos e baniuas do alto Içana, onde está instalado o pelotão de São Joaquim: a religião não permite. Em 1940, a missionária americana **Sophie Muller** saiu de Nova York com destino à Colômbia com a intenção de levar o evangelho traduzido em língua indígena aos povos da região. Em 1948, **Sophie** atravessou a fronteira de canoa para converter índios do lado brasileiro, nos rios Cuiry e Içana.

Enquanto os padres e comerciantes vinham de Manaus, **Sophie** ganhou respeito por chegar pelo lado oposto, proclamando-se emissária de Deus. Em pouco tempo conseguiu seguidores que atenderam seus apelos: evitar contato com os brancos, abandonar o tabaco, o álcool, as danças rituais e as malocas, usar roupa, rezar, jejuar, cantar hinos religiosos, construir templos e romper relações com os infieis e seus ensinamentos.

Os índios que a conheceram referem-se a ela com respeito extremado; contam que era magrinha, só comia um pouco de leite em pó e que os pajés teriam tentado envenená-la várias vezes para testar-lhe a proteção divina. Na última das tentativas, a missionária teria passado muito mal, mas sobrevivido, sorte não compartilhada pelos dois cachorros que comeram seu vômito.

Os curipacos das proximidades do pelotão de São Joaquim, membros da igreja fundada por ela, não bebem, não fumam, não dançam, lêem a Bíblia na língua natal e se vestem com roupas simples, bem cuidadas. Moram em casas de barro solidamente construídas, pintadas de branco, com cobertura de palha caranã trançada com esmero, que ultrapassem os limites da habitação para formar uma varanda acolhedora ao redor. Numa região de moradias precárias, cada família se dá ao luxo de morar em três casas: a da frente serve de dormitório e sala de visitas, na do meio fica a cozinha e na de trás a casa de farinha. São lindas, gostaria de ter uma igual no campo.

De sapato, camisa impecavelmente branca e calça comprida azul, **Rogério**, um dos líderes da comunidade, articulado e fluente em português, atribui à distância as principais

dificuldades de seu povo. “Nas 15 comunidades em volta do pelotão existem 80 e poucas pessoas que ganham os 300 reais de aposentadoria rural. Só que precisam ir receber no banco em São Gabriel”, conta.

A questão é: são quase 400 quilômetros rio Içana abaixo, tarefa árdua para a potência do motorzinho rabeta. Sete dias na ida, e 10 a 15 na volta, dependendo da época. No caminho de volta são nove cachoeiras. A canoa não atravessa, é preciso carregá-la nas costas. De gasolina, uns dois mil reais.

Para compensar esperam vencer cinco ou seis meses, juntam um grupo de aposentados – não muitos, por causa do tamanho do barco – e contratam auxiliares nas comunidades próximas das cachoeiras para ajudá-los a carregar a canoa e as compras feitas na cidade. No final, descontadas as despesas, pouco sobra, o que talvez explique o emprego sistemático do diminutivo quando os indígenas se referem aos gêneros de primeira necessidade. “Fica um nadinha, para comprar sabãozinho, querosenezinho, salzinho”, dizem.

Comparadas às casas dos curipacos e dos baniuas, as de pau-a-pique dos ianomâmis ao redor do pelotão de Maturacá são primitivas. Em seu interior, redes de dormir, duas prateleiras com utensílios, um fogão improvisado com pedras no chão e roupas estiradas no varal do lado de fora.

É provável que a tradição nômade, responsável por passarem meses em abrigos provisórios para caçar e pescar em áreas afastadas da aldeia, seja a causa da falta de preocupação com a solidez da moradia dos 26 mil ianomâmis que vivem espalhados por Venezuela e Brasil, numa área de quase 100 mil quilômetros quadrados.

É de perder o fôlego o caminho para Maturacá, ladeado por duas cadeias de montanhas com picos em serrilhado nos quais pousam flocos de nuvens e por uma sucessão de paredões grandiosos de cor ocre que o pôr-do-sol reveste de ouro. E o morro dos Seis Lagos, que espetáculo de cores! Um deles em forma de oito, negro reluzente; outro, circular, verde-esmeralda; e os demais, com tonalidades que vão do negro-avermelhado ao azul; todos agarrados à montanha verde para não escorregar encosta abaixo.

Nossa chegada ao pelotão foi saudada por um grupo de cinco homens com os rostos pintados: na testa, uma faixa preta que descia em continuidade pelas têmporas, cobria o pescoço e vinha para o peito e o abdômen em linhas sinuosas ou geométricas. No braço direito, usavam uma braceira de penas de papagaios e araras.

Com prováveis 85 anos, o cacique **Joaquim**, o único que além da pintura negra tinha o rosto maquiado de vermelho rutilante, nos convidou na língua natal a visitar sua casa em companhia de **Júlio**, ianomâmi fluente em português, que usava brincos de penas miúdas, azuis.

No interior da casa, o cacique contou a última guerra de sua tribo contra ianomâmis rivais, em 1963. O relato era marcado por exclamações, zunidos de flechas, lanças que perfuravam corpos, golpes de bordunas, gritos. De um momento para outro, o cacique emudecia para que **Júlio**, a seu lado, sem mover um músculo do rosto, fizesse em tom monocórdico a tradução que invariavelmente começava assim: “Doutor, o cacique disse que...”.



A história durou uma hora, mas teria prendido a atenção mesmo que durasse duas, nem tanto pelo enredo da aventura, mas pela intensidade dramática dos dois atores de rosto pintado. Parecia um espetáculo de teatro no Japão antigo.

Em Cucuí, diante de uma sala de aula repleta de professores indígenas oriundos de diversas comunidades, um professor barê, de calça, camisa e cocar, explicava a técnica de ensinar para crianças o nheengatu, língua criada pelos religiosos católicos a partir do tupi-guarani para padronizar a comunicação em território brasileiro (nheengatu, tucano, baniua e português são consideradas línguas oficiais no município de São Gabriel).

Aulas como essa fazem parte de um esforço de preservação das culturas indígenas realizado na bacia do rio Negro e contam com apoio do Instituto Sócio-Ambiental (ISA), organização não governamental com subsede em São Gabriel, que teve atuação de destaque na demarcação das terras indígenas, empenhada também em desenvolver técnicas de manejo sustentável dos recursos naturais, como um projeto de piscicultura no rio Tiquié e a comercialização do artesanato baniua. “A vida na Amazônia corre pelos rios”, resume **Beto Ricardo**, um de seus líderes, explicando por que o trabalho do ISA privilegia a preservação das populações ribeirinhas.

Composta por mais de 40 organizações de base, que representam um número variável de comunidades, a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn) conta com verbas governamentais para promover a educação e

LINHA ESTRATÉGICA

O Brasil tem quase 4 mil quilômetros de fronteiras com a Colômbia e a Venezuela, numa das áreas mais delicadas da América do Sul – por conta do narcotráfico, da biopirataria e de outros temores. Perto de Cucuí, ponto de triplíce fronteira, os soldados venezuelanos do posto Chaparro estão sempre alertas. O relacionamento com o Exército brasileiro é amistoso, mas o perigo está por perto: a guerrilha colombiana

prestar assistência médica às comunidades. Mas, mesmo pagando salários de 15 mil reais por mês, a Foirn só conseguiu contratar dois médicos encarregados de subir e descer os rios com uma equipe de enfermagem para atender a gente de toda a bacia do rio Negro. Não fosse o Exército, a assistência médica numa área maior do que muitos países europeus estaria restrita a esse trabalho.

As consequências são visíveis e resumem a precária condição de saúde: mortalidade materno-infantil elevada, crianças desnutridas, dermatites e feridas na pele, dentes em mau estado, envelhecimento precoce, alcoolismo disseminado. Uma imagem oposta à do bom selvagem de corpo atlético, arco e flecha, que a imaginação romântica dos brancos insiste em manter.

Embora ainda existam populações preservadas em áreas remotas, na bacia do rio Negro os indígenas em contato com os brancos são muito pobres, andam de sandália de dedo, bermuda e camiseta colorida, sonham com o conforto e querem os filhos na escola.

Em Pari-Cachoeira, assisti a uma reunião de mais de 100 tucanos no Centro Comunitário, com mulheres e crianças sentadas à esquerda e os homens à direita. No centro, os líderes cobravam do coronel **Vianna Peres** a distribuição gratuita de energia elétrica para todas as casas da comunidade, não apenas para o Centro Comunitário, único local que o pelotão conseguia iluminar.

O coronel explicou que já faziam o possível, não havia como atender ao pedido com a capacidade do gerador do quartel, e insistiu que os líderes cobrassem das autoridades eleitas com seus votos a instalação de uma máquina com potência adequada, e que o Exército não era responsável pela execução do programa Luz para Todos.

Um dos líderes, homem de meia-idade, pegou o microfone e foi logo avisando: “Eu não sou mais índio nu como meu avô que vivia no mato. Também preciso de civilização, de energia e de computador em casa. Sou índio integrado, o que é melhor tem que ser meu. Tudo de bom que chega para o branco eu vou abraçando”. —

VIDA EM PROFUSÃO

Quase todo o território da Cabeça do Cachorro está resguardado por algum tipo de reserva, de terras indígenas a reservas biológicas. Essa condição até agora serviu para resguardar a biodiversidade da região – representada por uma infinidade de primatas (à direita, no alto) – e paisagens ainda intocadas, como a cachoeira de águas escuras (à direita) no igarapé Tucaninho, dentro do Parque Nacional do Pico da Neblina.

Matéria extraída da revista National Geographic Brasil, edição de maio de 2006, e autorizada sua publicação nesta revista, tanto pelos autores como pela editora correspondente.

Reprodução por terceiros não permitida.



O MANEJO SUSTENTÁVEL DOS RECURSOS NATURAIS, COORDENADO PELOS ÍNDIOS, É UM LEMA PARA O FUTURO DA REGIÃO.



(*) CÉU DA AMAZÔNIA O médico oncologista e escritor **Drauzio Varella** é um investigador de questões amazônicas – realiza pesquisas, com a Universidade Paulista (Unip), na região da cidade de

Barcelos, no rio Negro. Durante uma visita a São Gabriel da Cachoeira, às margens do mesmo rio, ele conheceu o Tenente-Coronel **Daniel Vianna Peres**, comandante do C Fron RN/5º BIS. Nasceu daí o projeto de uma viagem documental pela inóspita região da Cabeça do Cachorro. Outro veterano de amazônia, o fotógrafo **Araquém Alcântara** foi convidado ao lado de uma equipe de televisão encarregada de gravar um documentário.

Com base em São Gabriel, durante dez dias de janeiro a equipe enfrentou cerca de 30 horas de vôos em helicópteros ou aviões militares até comunidades indígenas, como Pari-Cachoeira ou Curuí, por toda a fronteira do Amazonas com a Colômbia e a Venezuela. “Por terra – de barco ou a pé –, levaríamos uns três meses”, diz **Araquém**. “É de do alto que a região revela toda a sua soberana beleza”.

(N. do E.): **Drauzio Varella** gostaria de agradecer a **Jefferson Peixoto** e **Paulo Garfunkel**, que com suas idéias contribuíram para o texto da reportagem; à Unip e ao Comando Militar da Amazônia, pelo suporte dado à difícil empreitada. —

MILITAR

A Diretoria de Serviço Militar é o núcleo do Sistema do Serviço Militar do Exército, e tem por objetivos: adestrar o reservista para emprego na defesa da Pátria e garantia da Lei e da Ordem; desenvolver valores de cidadania; contribuir com a Defesa Civil; prover ações

comunitárias e ampliar a presença da Força Terrestre no País.

O Sistema de Recrutamento do Exército Brasileiro fundamenta-se na prestação do Serviço Militar em caráter obrigatório ou voluntário (para quem deseja seguir carreira militar) e compreende cinco etapas: convocação, alistamento, seleção, designação e incorporação.

Neste ano de 2006, após processo seletivo do qual participaram cerca de 610.000 jovens, concretizou-se, em 1º de março, a incorporação de apro-

ximadamente 55.000 novos recrutas. Nesse dia, diversas Organizações Militares da Força Terrestre realizaram o ato solene de incorporação, fato que selou o compromisso do cidadão para com a Nação e a sociedade.

Durante a trajetória de prestação do Serviço Militar, o jovem incorporado terá a possibilidade de exercitar a cidadania e o patriotismo, de aprimorar seus conhecimentos e condicionamento físico e de conviver dentro dos parâmetros da hierarquia e da disciplina, valores que norteiam a vida castrense.



Foto: Divisão de Registro do Exército

SERVIÇO MILITAR OBRIGATÓRIO

SERVIÇO MILITAR INICIAL

Como Soldado ou Aluno

Incorporação em Organização Militar da Ativa

Unidades de Tropa, Repartições, Estabelecimentos, Navios, Bases Navais e Aéreas e qualquer outra unidade tática ou administrativa que faça parte do todo orgânico do Exército, Marinha ou Aeronáutica.

Matrícula em Tiro-de-Guerra (TG)

Os Tiros-de-Guerra (TG) possibilitam que o jovem preste o Serviço Militar Inicial no município em que reside. São os cidadãos convocados mas não incorporados em Organizações Militares da Ativa.

Matrícula em CPOR ou NPOR

Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR) e Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva (NPOR) são órgãos de formação de oficiais da reserva. Os candidatos devem ter grau de escolaridade igual ou superior à 3ª série do Ensino Médio.

Como Oficial Temporário

Estágio de Adaptação e Serviço (EAS)

O Estágio de Adaptação e Serviço, como Serviço Militar Inicial, destina-se, em caráter obrigatório, aos convocados integrantes das categorias profissionais de nível superior (Medicina, Farmácia, Odontologia e Veterinária) dispensados de frequentar os Órgão de Formação de Oficiais da Reserva (OFOR).

SERVIÇO MILITAR VOLUNTÁRIO

Se estiver vocacionado, o jovem pode optar por seguir a carreira militar ingressando, via concurso, em uma das instituições a seguir relacionadas.

AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras: forma os oficiais das Armas, do Serviço de Intendência e do Quadro de Material Bélico. <http://www.aman.ensino.eb.br>

IME – Instituto Militar de Engenharia: forma os oficiais do Quadro de Engenheiros Militares. <http://www.ime.eb.br>

EsSEx – Escola de Saúde do Exército: forma os oficiais do Quadro de Saúde do Exército. <http://www.essex.ensino.eb.br>

EsAEx – Escola de Administração do Exército: forma os oficiais do Quadro Complementar de Oficiais. <http://www.esaex.mil.br>

EsPCEEx – Escola Preparatória de Cadetes do Exército: preparatório para ingresso na Academia Militar das Agulhas Negras. <http://www.espcex.ensino.eb.br>

EsSA – Escola de Sargento das Armas: forma os sargentos combatentes. <http://www.esa.ensino.eb.br>

PARA ENTENDER AS ETAPAS DO SISTEMA DE RECRUTAMENTO DO EXÉRCITO

Convocação

A convocação é feita, anualmente, pelo Plano Geral de Convocação, aprovado por Decreto Presidencial. Ela abrange todo um universo de cidadãos nascidos entre 1º de janeiro e 31 de dezembro de determinado ano (quando o cidadão completa 18 anos) e ainda cidadãos de anos anteriores em débito com o Serviço Militar.

Alistamento

O alistamento é ato obrigatório a que estão sujeitos todos os brasileiros do sexo masculino nos primeiros seis meses do ano em que completarem 18 anos de idade. Ele deve ser feito na Junta de Serviço Militar (JSM) do município em que o jovem reside ou em qualquer Órgão Alistador da Marinha, ou da Aeronáutica, ocasião em que o jovem recebe o Certificado de Alistamento Militar (CAM).

Seleção

A seleção consiste em avaliar os alistados para o Serviço Militar Inicial quanto aos aspectos físico, cultural, psicológico e moral. É feita por intermédio das Comissões de Seleção (CS) fixas ou volantes, distribuídas por todo o País. Ao término da seleção, os que foram considerados “aptos” são orientados sobre a data e o local a que deverão comparecer para tomarem conhecimento da sua designação. Os que forem considerados “inaptos” estarão dispensados do Serviço Militar e receberão Certificados de Dispensa de Incorporação ou de Isenção, conforme o caso.

Designação

Os jovens julgados “aptos” na seleção tomam conhecimento sobre sua designação ou não para o Serviço Militar.

Incorporação ou Matrícula

É a etapa em que os jovens considerados “aptos” na seleção e que tenham sido designados são incorporados às fileiras do Exército. Eles prestarão o Serviço Militar incorporados em Organizações Militares da Ativa ou matriculados em Órgãos de Formação da Reserva como CPOR, NPOR ou TG. —

PREPARAÇÃO DO COMBATENTE DA FORÇA TERRESTRE

No dia 1º de março, milhares de jovens brasileiros foram incorporados às fileiras do Exército para cumprirem o Serviço Militar Inicial, que tem a duração aproximada de 12 meses. Esse evento, repetido a cada ano, representa para a Força Terrestre (F Ter) a renovação de seu contingente, além de ser o ponto de partida para a formação de uma reserva mobilizável capaz de atender a eventuais necessidades apresentadas pelas conjunturas nacional e internacional.

O encargo da habilitação do contingente incorporado, decorrente do sistema de conscrição e da Lei do Serviço Militar, pressupõe a transformação de cidadãos comuns em soldados e graduados capazes de serem integrados à estrutura da F Ter em caso de emprego em operações.

Paralelamente à instrução dos novos contingentes, faz-se necessário instruir e adestrar tropas especializadas para atuação em ambientes operacionais específicos e em condições especiais de combate, com capacidade de emprego em qualquer ponto do território nacional, em um prazo relativamente curto, para fazer face às necessidades decorrentes da eclosão de crises internas ou externas que tragam reflexos à conjuntura nacional.

Tomando por base a missão do Exército, identifica-se, ainda, a necessidade de contínua preparação dos diversos contingentes destinados a atender os compromissos internacionais assumidos pelo governo brasileiro, em especial aqueles relacionados a missões de paz sob a égide das Nações Unidas.

O SISTEMA DE INSTRUÇÃO MILITAR DO EXÉRCITO BRASILEIRO (SIMEB)

Consideradas as condicionantes supracitadas, a F Ter implementou e mantém atualizado o Sistema de Instrução

Militar do Exército Brasileiro (SIMEB). Trata-se de instrumento adequado à doutrina militar vigente e que tem por finalidade normatizar e orientar todas as atividades relacionadas à instrução militar a serem executadas pelas diversas Organizações Militares (OM).

O SIMEB organiza o ano de instrução em dois períodos distintos: o de Instrução Individual e o de Adestramento. Cada um desses períodos tem seus objetivos específicos claramente definidos no Programa de Instrução Militar (PIM), nos Programas-Padrão (PP) e nas Diretrizes de Instrução (Dtz Instr) emanadas dos escalões superiores.

No que se refere às OM especializadas, onde quase a totalidade dos efetivos é formada por militares profissionais, desenvolve-se, em substituição aos períodos de instrução, a Capacitação Técnica e Tática do Efetivo Profissional – a CTTEP.

A duração de cada período é conjuntural, em função, principalmente, do rendimento da aprendizagem por parte dos instruídos, das dificuldades para conciliar objetivos e cargas-horárias ou da ampliação ou redução dos prazos de duração do Serviço Militar Inicial.

A INSTRUÇÃO INDIVIDUAL BÁSICA

O Período de Instrução Individual Básica abrange duas fases distintas: a Fase da Instrução Individual Básica (IIB), com duração prevista, para ano de 2006, de 12 semanas; e da Instrução Individual de Qualificação (IIQ), a ser conduzida em oito semanas.

A IIB tem como objetivos específicos preparar o combatente básico, isto é, o soldado ambientado e habilitado para iniciar a instrução de qualificação; preparar o reservista de 2ª categoria; capacitar o soldado a ser empregado em determinadas operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO);



desenvolver e consolidar o valor moral da tropa; e iniciar o estabelecimento de vínculos de liderança entre comandantes (de todos os níveis) e comandados.

Já a IIQ tem por finalidade qualificar o combatente, isto é, o cabo e o soldado aptos a ocupar cargos específicos na OM; formar o reservista de 1ª categoria (combatente mobilizável) e, de igual maneira à fase anterior, desenvolver e consolidar o valor moral da tropa. Nesse período são conduzidos os Cursos de Formação de Cabos (CFC) e o de Soldado (CFSd), tendo como universo de instruendos os conscritos apresentados na OM para o Serviço Militar Inicial. A finalidade dos cursos é formar os cabos e soldados para preenchimento das vagas existentes nas OM, sendo sua execução regulada pelo Comando de Operações Terrestres (COTER) em documentos próprios.

O princípio metodológico orientador da fase da IIB é a instrução voltada para o desempenho. As sessões de instrução têm caráter eminentemente prático, de forma a preparar o soldado para o desempenho de tarefas individuais e coletivas. Para tanto, os objetivos propostos para as sessões de instrução devem priorizar o desenvolvimento de destrezas e habilidades dos instruendos para a execução de tarefas que correspondam às funções do cargo que ocuparão na Organização Militar.

Focado prioritariamente no desenvolvimento dessas destrezas e habilidades e, ainda, a fim de aprimorar o aprendizado e a execução das técnicas individuais – ponto crítico e fator de êxito para qualquer ação de combate – o COTER introduziu profundas modificações no Programa-Padrão que regula e orienta a IIB, o PPB-2. Dentre as principais modificações, destacam-se:

- a eliminação da carga-horária destinada a sessões de instrução formais sobre Atributos da Área Afetiva e a reversão desses tempos de instrução para sessões práticas;
- a inserção de matérias fundamentais à formação do combatente básico, em especial Lutas e Instrução de Apronto Operacional;
- a priorização das instruções práticas, com ênfase na execução de pistas; e
- a atualização dos Objetivos Individuais de Instrução (OII), adequando-os às normas, diretrizes, regulamentos, cadernos de instrução, dotações de material e uniformes em vigor.

Foram mantidas como prioritárias as matérias: Armamento, Munição e Tiro; Treinamento Físico Militar; Ordem-Única; Técnicas Especiais e Operações de Garantia da Lei e da Ordem.

A fase da IIB subdivide-se em duas. A 1ª subfase tem por objetivo capacitar o soldado a ser empregado na defesa

do aquartelamento. O ápice da instrução é atingido com a realização de um exercício no terreno, durante o qual os soldados são exigidos quanto às técnicas, destrezas e habilidades desenvolvidas na subfase.

Ao término da 2ª subfase, por sua vez, o soldado estará capacitado a ser empregado em operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO). O coroamento dessa subfase e, em consequência, da fase da IIB, consiste na realização de um exercício no terreno que tem a duração de duas semanas.

Em algumas OM não-operacionais, ou seja, não enquadradas na Estrutura Militar de Guerra da Força, a instrução militar a ser ministrada aos conscritos é resumida na IIB. Terminada essa fase, tem início o Programa de Aplicação e Conservação de Padrões (PACP), regulado pelos Grandes Comandos enquadrantes. O programa tem por objetivos principais: o aprimoramento dos padrões de desempenho; a consolidação do caráter militar; a criação de hábitos adequados e o desenvolvimento da capacidade física, de habilitações e dos padrões de ordem-unida. Quando da desincorporação das fileiras do Exército, os soldados dessas OM fazem jus ao Certificado de Reservista de 2ª Categoria.

Outras OM não-operacionais, além de realizarem a IIB, conduzem a IIQ e, a partir desta, dão início ao PACP. Nesse caso, seus concludentes recebem o Certificado de Reservista de 1ª Categoria e estão aptos a serem requisitados em caso de necessidade de mobilização.

Nas OM operacionais, a instrução militar se realiza em sua plenitude durante o Período de Instrução Individual – IIB e IIQ – e o Período de Adestramento. Seus concludentes são considerados reservistas de 1ª Categoria e têm prioridade para as atividades de mobilização de pessoal.

A PREPARAÇÃO INDIVIDUAL DAS TROPAS ESPECIALIZADAS

Embora o SIMEB e o PIM sejam únicos para todo o Exército Brasileiro, a preparação dos integrantes das tropas especializadas requer parâmetros diferenciados.

O primeiro fator que distingue essas OM das demais é a pouca ou nenhuma existência de conscritos em seus efetivos. Tal característica é imprescindível, haja vista que essas são as primeiras Unidades militares a serem empregadas em caso de necessidade. Por conseguinte, espera-se das tropas especializadas o máximo de eficiência, eficácia, efetividade e profissionalismo, o que impõe o emprego de pessoal profissional altamente adestrado e motivado.

Outro fator característico está relacionado à natureza dessas tropas e ao ambiente operacional onde poderão ser empregadas: são pára-quedistas, aeromóveis, de selva, de



Fotos ilustrativas (arquivo do CCOMSEx)



montanha, de caatinga, do pantanal, de operações especiais, de aviação, de operações de GLO ou de operações de paz. Cada especialidade requer uma formação diferenciada em relação à aquisição de habilidades e conhecimentos específicos e ao manejo de seu material.

Os poucos recrutas que são incorporados nessas OM cumprem todo o Programa de Instrução elaborado para as tropas operacionais – Instrução Individual e Adestramento. Além disso, passam por um período de instrução especializada, durante o qual são instruídos, preparados e testados nas habilidades e destrezas exigidas para o desempenho dos cargos inerentes a essas tropas. Decorre, daí, a realização do Estágio Básico de Combatente de Força de Ação Rápida (EBCFAR), do Estágio Básico do Combatente de Montanha (EBCM), do Estágio de Operações na Caatinga, do Estágio de Operações no Pantanal, do Curso Básico Pára-quedista, entre outros.

A fim de permitir a realização de tais estágios e a implementação de instruções específicas voltadas para o emprego peculiar de cada OM, o Exército Brasileiro tem criado, ao longo de sua existência, vários centros de instrução especializados, como o Centro de Instrução Pára-quedista General Penha Brasil (CIPqdt GPB), o Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS), o Centro de Instrução de Operações Especiais (CIOpEsp), o Centro de Instrução de Operações de Paz (CI Op Paz), o Centro de Instrução de Operações de GLO (CI Op GLO), o Centro de Instrução de Aviação do Exército (CIAvEx), entre outros, dotados de pessoal altamente qualificado e de material específico para uso por parte dessas tropas.

As OM especializadas, por possuírem elevado número de cabos e soldados do Núcleo-Base – efetivo profissional – necessitam, anualmente, ajustar seus efetivos por meio de transferências internas entre as subunidades. Nesse caso, ao efetivar-se um soldado já qualificado em um cargo para o qual não foi previamente preparado, torna-se necessária a condução de instruções de requalificação.

Caso o recompletamento se efetive por meio de transferência de militares de outras OM, podem ocorrer duas situações: a OM passa a contar com militares profissionais com diferentes níveis de conhecimentos e de habilidades ou, a exemplo do citado anteriormente, incorpora militares qualificados para funções que exigem habilitações diferentes das recebidas na OM de origem.

Para eliminar ao máximo as deficiências e os reflexos negativos decorrentes de ambas as situações, normatizou-se a Instrução Individual de Requalificação e Nivelamento (IIRN), cujo funcionamento coincide com a época de realiza-

ção da IIB, o que permite aos militares movimentados sua plena utilização na IIQ e seu emprego como combatente qualificado o mais cedo possível.

Para a execução da IIRN, a Direção de Instrução de cada OM – Comandante da OM, Chefe da 3ª Seção, Comandante de Subunidade e (ou) Comandante de Grupamento de Instrução – elabora um programa de instrução específico, tendo como instrumentos normatizadores e orientadores das ações, além do SIMEB e do PIM, os Programas-Padrão das séries BRAVO (IIB) e QUEBEC (IIQ) mais adequados aos objetivos propostos, selecionando-se os Objetivos Individuais de Instrução (OII) que melhor atendam às necessidades e peculiaridades da OM.

Atenção especial também é dispensada à manutenção dos padrões já alcançados pelo efetivo profissional, formado pelos quadros – oficiais e graduados – e pelo Núcleo-Base – cabos e soldados antigos, a fim de preservar o estado de prontidão constante que se espera dessas OM. Para atingir tal objetivo, é conduzida a CTTEP. Apesar de a CTTEP ser comum a todas as OM, o programa de instrução que a orienta atinge a plenitude de sua execução nas unidades de tropas especializadas em razão das características especiais que revestem seu emprego.

A CTTEP é encargo da OM e desenvolve-se sob a direção de seu Comandante. Tem por objetivo o desempenho eficaz dos diferentes agrupamentos quanto ao emprego de seu material orgânico – aliado à correta execução de suas atividades técnicas – e aos seus procedimentos em combate, atuando taticamente.

Como objetivos gerais da CTTEP, podem ser citados, entre outros:

- aperfeiçoar os padrões individuais de desempenho do efetivo profissional;
- manter, em nível elevado, a instrução do efetivo profissional da OM durante todo o ano de instrução;
- sanar deficiências na instrução individual e no adestramento do efetivo profissional em qualquer época do ano de instrução;
- participar do desenvolvimento e da consolidação do valor profissional dos comandantes, em todos os níveis; e
- manter a tropa em condições de ser empregada em qualquer época do ano.

Os atributos da área afetiva, bem como os valores, os deveres e os princípios da ética militar devem ser abordados, a todo instante, na preparação do efetivo profissional, como fator de incremento da coesão e do espírito de corpo imprescindíveis ao bom desempenho dessas OM.

O programa da CTTEP deve contemplar instruções



eminentemente práticas e a realização de exercícios táticos que imprimam o máximo de realismo às atividades desenvolvidas. Para essa instrução, deve ser adotado o mesmo princípio metodológico empregado no período de Adestramento: o treinamento pela imitação do combate. Somente submetendo-se a tropa às condições mais próximas do que seria o combate real é que se terá uma exata noção de seu grau de preparação e de eficiência.

São exemplos de instrução para a CTTEP:

- a execução de pistas (de reação, de combate, de tiro, de liderança, de combate urbano, de defesa externa, de GLO);
- a realização de estágios (de operações especiais, de combate básico, de combate de frações e subunidades, de comandante de fração, de emprego técnico, tático e de manutenção de material);
- a instrução e o adestramento de subsistemas (inteligência de combate, logística aplicada à OM, defesa antiaérea, comando e controle, observação e direção de tiro, coordenação de apoio de fogo e defesa anticarro);
- a instrução com simuladores de armas (armamento individual e coletivo);
- a realização de exercícios táticos (de estado-maior, de simulação de combate, de GLO, de Posto de Comando, de logística, antecipação de exercícios de adestramento); e
- a reciclagem e o reforço da instrução individual e a requalificação de pessoal (atualização de conhecimentos, adaptação às mudanças doutrinárias, manutenção do material, adaptação aos novos armamentos e desenvolvimento da liderança em todos os níveis).

Cumprido, ainda, que essas tropas especializadas, além de se manterem sempre em condições de operar em ações reais, participam, ao longo do ano de instrução, de exercícios conjuntos coordenados pelo Ministério da Defesa, com base nas Hipóteses de Emprego (HE) contempladas nos planos operacionais do Exército Brasileiro. Esses exercícios, na maioria das vezes, são realizados em épocas anteriores ao período de Adestramento. Tal situação reforça, ainda mais, a necessidade de se conduzir uma instrução mais acurada para essas OM.

Considerando, ainda, a crescente participação da F Ter em ações de GLO, o COTER determinou a ativação das Forças de Contingência (FOCON) nos diversos Comandos Militares de Área (C Mil A). Tais grupamentos de força têm valor Brigada e são compostos por subunidades oriundas das diversas OM operacionais de cada C Mil A. São integradas, também, por subunidades de Comunicações, Logística, Engenharia, frações de Inteligência, Operações Especiais,

Operações Psicológicas, Comunicação Social e Assessoria Jurídica. Para essas tropas, a instrução individual reveste-se de características especiais devido à especificidade de seu emprego. Na IIB, são enfatizados os seguintes assuntos: Defesa do Aquartelamento, Educação Moral e Cívica, Técnicas Especiais, Serviços Internos e Externos, Operações de GLO e Combate à Baioneta. Algumas sessões de instrução são ministradas com mais frequência, tais como Lutas, Tiro, Legislação envolvida nas ações de GLO, Pistas de Combate e Exercícios de Desenvolvimento de Liderança.

A Concepção Estratégica de Emprego da Força Terrestre (SIPLEX-4) abrange um largo espectro de ações para as quais a Força deve estar permanentemente preparada. Nos últimos anos, tem ocorrido o emprego de tropa nas seguintes situações:

- em operações militares de defesa externa, atuando, prioritariamente, na linha de fronteira contra narcotraficantes e (ou) narcoguerrilheiros, para impedir que integrantes desses grupos invadam o território nacional e aqui estabeleçam suas bases e áreas de homizio;
- nas operações para a manutenção da paz e humanitárias, sob a égide de organismos internacionais, a fim de privilegiar a estratégia da projeção do poder e atender a interesses nacionais;
- nas operações militares de GLO, atuando de forma preventiva e operativa, quando determinado pelo poderes constituídos;
- nas ações que visam ao pronto restabelecimento da ordem pública ou da paz social ameaçadas por grave e iminente instabilidade institucional, quando determinado pelos poderes constituídos;
- na prestação de apoio Logístico, de Inteligência, de Comunicações e de Instrução, bem como assessoramento aos órgãos governamentais envolvidos nas ações de GLO; e
- nas ações de apoio ao desenvolvimento nacional (ações subsidiárias) que, sem prejuízo de sua missão principal, oferecem ao Exército a possibilidade de assistir as populações carentes, atuar em apoio às ações desenvolvidas pela Defesa Civil e integrar-se com a população.

O espectro de atuação da F Ter exige acurada preparação individual, com ênfase no desenvolvimento de habilidades e destrezas que permitam a seus integrantes, recrutas ou profissionais, o correto desempenho dos cargos que lhes são conferidos na estrutura da OM à qual pertencem.

O cerne do sucesso do emprego de qualquer tropa como eficaz instrumento de combate repousa na eficiente e adequada preparação dos indivíduos que a compõem. Sua eficiência dependerá, fundamentalmente, do perfeito entendimento e do desempenho do papel que cabe a cada um no contexto de sua fração. —

COMITIVA DO EXÉRCITO PORTUGUÊS



Fotos: Cb Djalma/CCOMSEX

O Centro de Comunicação Social do Exército (CCOMSEX) recebeu visita oficial do diretor do Jornal do Exército Português, Coronel **Manuel de Assis Teixeira de Góis**, acompanhado de comitiva. A atividade teve por finalidade proporcionar o intercâmbio de experiências e conhecimentos na área de Comunicação Social.

Na oportunidade, o visitante concedeu à Rádio Verde-Oliva FM 98,7 a entrevista abaixo transcrita.

Rádio VO – As expectativas em relação à sua visita ao Brasil foram plenamente atingidas?

Coronel **Teixeira de Góis** – As expectativas foram largamente superadas. A programação proposta foi completamente cumprida e foram acrescentadas outras atividades que concorreram para o aumento de nossos conhecimentos sobre os espaços culturais e sobre a construção de fortalezas no Brasil. Se não tínhamos dúvida em relação à disponibilidade e à simpatia com que seríamos recebidos, o que é tradicional no Exército Brasileiro, a amizade demonstrada fez com que nos sentíssemos amigos de longa data.

Rádio VO – Quais foram as suas impressões sobre o Centro de Comunicação Social do Exército Brasileiro?

Coronel **Teixeira de Góis** – O que vimos no CCOMSEX aumentou muito nosso conhecimento sobre a atividade de Comunicação Social desenvolvida no Exército Brasileiro. O Centro nos pareceu extraordinariamente bem organizado, abrangendo todos os aspectos principais que devem fazer parte de um órgão de Comunicação Social de uma Força Armada.

Rádio VO – Quais as similaridades entre o trabalho desenvolvido pelo CCOMSEX e o seu trabalho no Exército Português?



Visita à Subseção de Internet

Coronel **Teixeira de Góis** – Nós não estamos organizados assim. A nossa atividade de Comunicação Social é conduzida, fundamentalmente, pelo Gabinete do Chefe do Estado-Maior do Exército, que é o Comandante do Exército Português. O Gabinete possui uma Seção de Relações Públicas e uma Seção de Informações Internas, além de uma Seção relacionada aos países de língua portuguesa. Essa última Seção é encarregada de difundir os acontecimentos nos países com os quais Portugal mantém cooperação técnica ou militar – os países africanos de língua portuguesa e o Timor Leste. Em relação aos produtos do CCOMSEX, a **Revista Verde-Oliva** guarda grande similaridade com o nosso **Jornal do Exército**. Nosso periódico tem por finalidade difundir, principalmente no meio civil, todas as atividades desenvolvidas pelo Exército Português, não só no território nacional mas, também, nas operações de manutenção de paz e nos países onde mantemos missões de cooperação. Assim, além da difusão dos assuntos nacionais, mantemos o público informado sobre o trabalho dos militares no exterior.

Rádio VO – O Sr gostaria de transmitir uma mensagem final aos militares do Exército Brasileiro que trabalham na área de Comunicação Social?

Coronel **Teixeira de Góis** – A palavra e a imagem, utilizadas convenientemente, são as maiores aliadas das ações do Comandante da Força. —

NEW HOLLAND, A FORÇA DA TECNOLOGIA NO MUNDO DA CONSTRUÇÃO.

New Holland é tecnologia e eficiência em sua obra. Uma linha completa de produtos que oferecem mais força, precisão, desempenho e versatilidade em qualquer lugar. Passe em um concessionário e conheça as máquinas que fazem mais por você. Você vai entender por que New Holland é a marca que conquistou o mundo da construção.



CARREGADEIRAS COMPACTAS

O sistema hidráulico de alta eficiência das carregadeiras compactas New Holland possibilita elevada capacidade de desagregação e levantamento, com muito mais eficiência, robustez e versatilidade na sua obra. O exclusivo braço "Super Boom" possibilita o movimento da carga e do implemento em linha vertical para maior alcance e melhor visibilidade.

RETROESCAVADEIRAS

As retroescavadeiras New Holland são feitas para permitir diferentes opções de caçambas, braço telescópico, instalação de martelo ou qualquer outro tipo de ferramenta hidráulica.



TRATORES DE ESTEIRA

Estrutura robusta, transmissão eficiente, sistema hidráulico e motores de grande torque e potência garantem melhor desempenho em qualquer obra.



PÁS CARREGADEIRAS

Força, versatilidade e ciclos rápidos garantem alta produtividade em toda a linha. As pás carregadeiras oferecem, ainda, elevada capacidade de carga, baixo índice de manutenção, facilidade de operação e mais conforto.

MOTONIVELADORAS

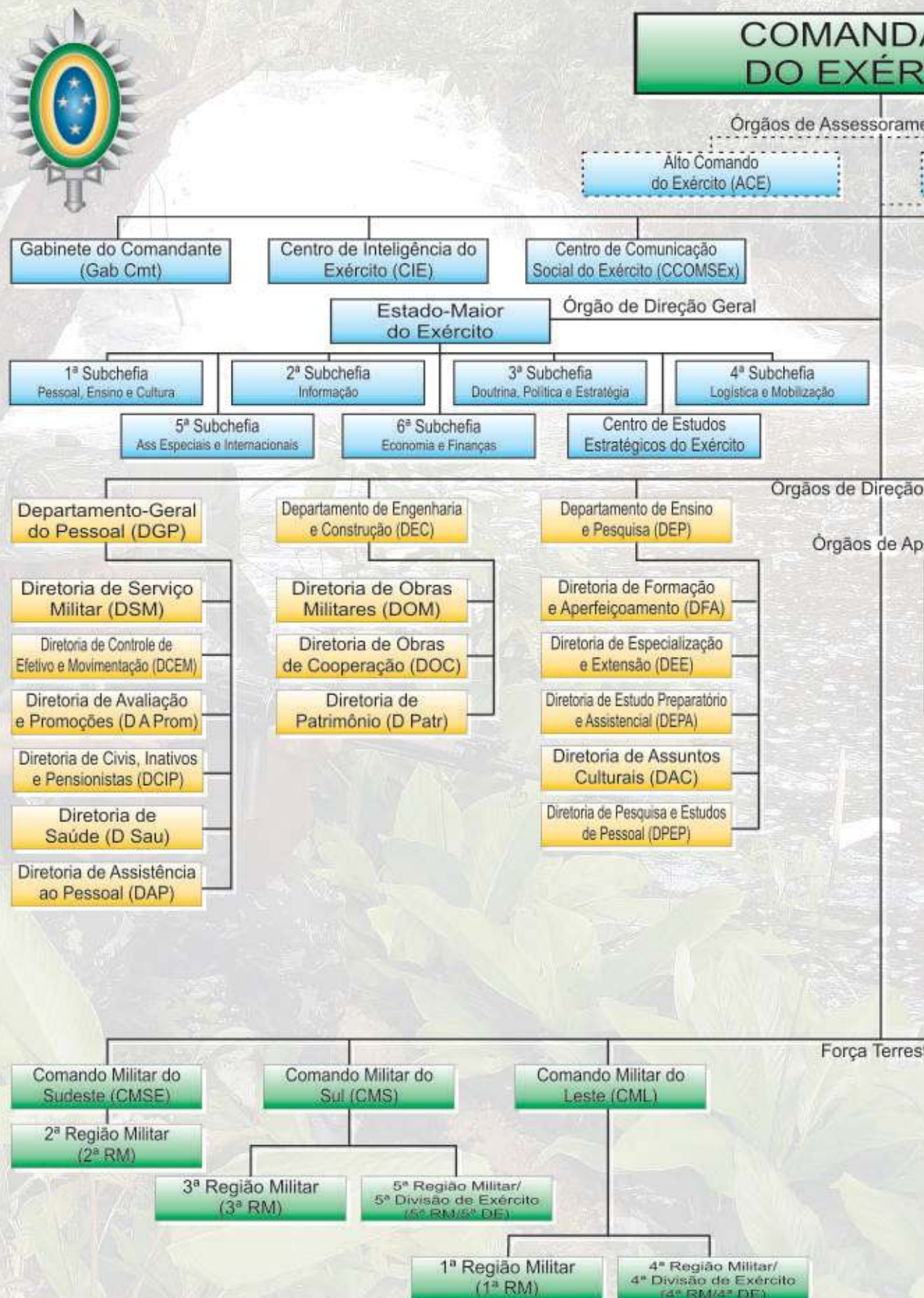
As motoniveladoras New Holland têm a mais avançada tecnologia, comandos hidráulicos, chassi articulado, lâmina central "Roll Away" com perfil evolvente e lâmina frontal. Isso significa melhor produtividade na obra e na estrada.



ESCAVADEIRAS HIDRÁULICAS

Muitas versões, a mesma força e tecnologia: braço monobloco de 5.650 mm, braços de penetração de 2.400, 2.940 e 3.500, além de um conjunto de longo alcance com braços monobloco e de escavação que somam 15,8 metros. Faça a sua escolha.

ORGANOGRAMA



DO EXÉRCITO

ANTE CITO

ento Superior

Conselho Superior
de Economia e Finanças (CONSEF)

Conselho de Justiça do
Comando do Exército (CJCEX)

Secretaria-Geral do
Exército (SGEx)

Centro de Documentação
do Exército (C Doc Ex)

Estabelecimento General Gustavo
Cordeiro de Farias (EGGCF)

Fundação Habitacional
do Exército (FHE)

Indústria de Material
Bélico do Brasil (IMBEL)

Fundação Osório

Setorial

Comando de Operações
Terrestres (COTER)

Departamento de Ciência
e Tecnologia (DCT)

Secretaria de Economia
e Finanças (SEF)

Departamento
Logístico (D Log)

1ª Subchefia
Preparo Operacional da F Ter

2ª Subchefia
Planejamento e Emprego da F Ter

3ª Subchefia
OM vinculadas à IGPM

Centro Tecnológico
do Exército (CTEX)

Instituto Militar
de Engenharia (IME)

Centro de Avaliação
do Exército (CA Ex)

Centro de Desenvolvimento
de Sistemas (CDS)

Centro Integrado de Telemática
do Exército (CITEx)

Diretoria de Fabricação
(DF)

Diretoria de Serviço
Geográfico (DSG)

Centro Integrado de
Guerra Eletrônica (CIGE)

Diretoria de
Contabilidade (D Cont)

Diretoria de
Auditoria (D Aud)

Centro de Pagamento
do Exército (CPEX)

Inspetoria de Contabilidade
e Finanças do Exército (ICFEx)

Diretoria de Gestão
Orçamentária (DGO)

Diretoria de
Suprimento (DS)

Diretoria de
Manutenção (D Mnt)

Diretoria de Transporte
e Mobilização (D T Mob)

Diretoria de Material de
Aviação do Exército (DMAvEx)

Diretoria de Material de Comunicação,
Eletrônica e Informática (DMCEI)

Diretoria de Fiscalização de
Produtos Controlados (DFPC)

re

Comando Militar do
Nordeste (CMNE)

Comando Militar da
Amazônia (CMA)

Comando Militar do
Planalto (CMP)

Comando Militar do
Oeste (CMO)

6ª Região Militar
(6ª RM)

12ª Região Militar
(12ª RM)

11ª Região Militar
(11ª RM)

9ª Região Militar/
9ª Divisão de Exército
(9ª RM/9ª DE)

7ª Região Militar/
7ª Divisão de Exército
(7ª RM/7ª DE)

8ª Região Militar/
8ª Divisão de Exército
(8ª RM/8ª DE)

10ª Região Militar
(10ª RM)



DESEMPENHO GERADOR DE BENEFÍCIOS A ODEBRECHT JÁ PARTICIPOU DA CONSTRUÇÃO E INSTALAÇÃO DE:

Usinas Hidrelétricas	51,2 mil MW
Usinas Térmicas e Nucleares	5,5 mil MW
Linhas de Transmissão de Energia	4,5 mil km
Edificações	Mais de 9,2 milhões de m²
Rodovias	9,9 mil km
Ferrovias	1,7 mil km
Túneis	248,6 km
Portos e Vias Águas	121 km
Saídas de Metrô	140,4 km
Portos e Aeroportos	80
Projetos de Integração	25
Estações de Tratamento e Coleta de Água e Esgoto	114
Sabotagens e Canais para Saneamento	3,8 mil km
Estruturas Offshore	312,5 mil t



INFRA-ESTRUTURAS QUE DESENVOLVEM O PAÍS E MELHORAM A QUALIDADE DE VIDA DO BRASILEIRO

Empresa genuinamente brasileira, a Odebrecht vem trabalhando forte, há mais de 60 anos, para que nosso País continue crescendo. Participa da construção de infra-estruturas fundamentais para desenvolver o Brasil e melhorar a qualidade de vida da população. Com atuação nas áreas de energia, petróleo e gás, saneamento, transportes e plantas industriais, entre muitas outras, os integrantes da Odebrecht servem aos seus clientes, à sociedade e, assim, ao desenvolvimento nacional.

ODEBRECHT
Engenharia e Construção

www.odebrecht.com



DO OFICIAL DE CARREIRA



ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS

O Exército Brasileiro, ao longo da História, vem contribuindo para a formação da nacionalidade brasileira ao forjar, moral e intelectualmente, homens impregnados de sentimentos de bravura e de patriotismo. Por meio dos seus Estabelecimentos de Ensino (EE), prepara os seus recursos humanos – qualificados, treinados, motivados e equipados – que constituem a parcela mais importante do Exército.

A Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) é o único EE que forma oficiais combatentes de carreira do Exército Brasileiro. As atividades de ensino – focadas no desenvolvimento de atributos das áreas afetiva, cognitiva e psicomotora – fazem com que a formação profissional do cadete de Agulhas Negras seja uma das melhores entre as realizadas nas escolas militares de todo o mundo.

A ACADEMIA

Criada em 1944 como Escola Militar de Resende, na cidade homônima do Estado do Rio de Janeiro, recebe candidatos selecionados por meio de concurso público por intermédio da Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx), localizada na cidade de Campinas (SP).

Ao ingressar na AMAN, o aluno da EsPCEEx passa à condição de cadete, posição hierárquica situada entre o subtenente e o aspirante-a-oficial.

A AMAN é um estabelecimento de ensino de

nível superior que tem como principal missão formar os oficiais da linha de ensino militar bélico do Exército Brasileiro. Para isso, desenvolve atividades educacionais orientadas por currículos e métodos reconhecidos pelas leis de ensino do País.

Sua grade curricular inclui disciplinas ligadas às Ciências Humanas, Exatas e outras eminentemente militares, que constituem uma das especialidades



Solenidade de entrega do espadim



Laboratório de idiomas



Manobra

reconhecidas por parecer da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação. Ao final do curso, o concludente é declarado aspirante-a-oficial e recebe o grau de bacharel em Ciências Militares.

O 1º ANO

No 1º ano, o cadete frequenta o Curso Básico, onde vivencia as primeiras experiências necessárias para sua capacitação como futuro oficial. O ensino está voltado para a tática individual e tem como principal objetivo forjar o combatente básico. Busca, também, estimular a dedicação, a persistência e a liderança – atributos considerados indispensáveis para a eficiência do homem no combate moderno. O currículo dos cadetes do Curso Básico abrange as seguintes disciplinas: Matemática, Português, Idioma Inglês ou Espanhol, Psicologia, Informática, Comando, Chefia e Liderança, Mecânica e Oratória.

Na solenidade de entrega de espadins, o cadete do Curso Básico, perante a Bandeira Nacional e trajando o uniforme histórico, recebe a miniatura da espada invicta do Duque de Caxias, que representa o próprio símbolo da honra militar.

O 2º ANO

O denominado Curso Avançado volta-se para a formação do comandante de pequenas frações e dá continuidade ao ensino das Ciências Militares. Além de matérias predominantemente desse teor, são ministradas: Economia; Direito; Estatística; Química; Psicologia; Física; Idiomas; Métodos e Técnicas de Pesquisa; Comando, Chefia e Liderança.

Ao término do 2º Ano, o cadete escolhe a Arma, Quadro ou Serviço de sua preferência, de acordo com a sua classificação por mérito intelectual dentro da turma.

O 3º ANO

No 3º ano, o cadete se integra à sua nova Arma, Quadro ou Serviço: Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia, Intendência, Comunicações ou Material Bélico. O processo ensino-aprendizagem prossegue com as disciplinas de História Militar, Geografia, Filosofia, Didática, Idiomas e, ainda, com as disciplinas voltadas para as operações militares.

O 4º ANO

O 4º e último ano converge para as atividades predominantemente militares para concluir a formação do oficial combatente. O currículo prevê a realização de exercícios conjuntos, que integrem as Armas – chamados módulos temáticos – com a principal finalidade de permitir ao cadete o exercício das funções de comando nas operações clássicas de ataque e defesa.

A fim de complementar o processo ensino-aprendizagem e de apresentar ao futuro oficial as peculiaridades da Organização Militar onde irá servir, é realizado o Estágio de Preparação Específica (EPE) nos corpos de tropa. Durante o estágio, o cadete tem a oportunidade de participar do cotidiano de uma Unidade de sua Arma.

Embora o currículo do 4º ano esteja mais direcionado às práticas militares, também são ministrados outros assuntos, como Direito Administrativo, Ciências Gerenciais, Comunicação Social, Idioma Instrumental e Direito Penal Militar. Os cadetes ainda adquirem conhecimentos sobre modernas técnicas utilizadas na montagem de aulas e de sessões de instrução e participam de intercâmbios com academias militares de nações amigas, o que promove o enriquecimento da cultura geral e militar do futuro oficial.

Ao final do 4º ano, o espadim é devolvido em



escolar



Formatura dos novos aspirantes

Fotos ilustrativas (arquivo do CCOMSEX)

solenidade na qual o cadete é declarado aspirante-a-oficial e recebe a espada de oficial do Exército, símbolo do compromisso com a Instituição e com a Pátria.

ATIVIDADES COMUNS

Paralelas às instruções ministradas em cada Curso, são desenvolvidas diversas atividades comuns, fundamentais para o aprimoramento da personalidade militar.

O Treinamento Físico Militar é planejado e conduzido pela Seção de Educação Física e tem por objetivo promover o condicionamento necessário ao desempenho nos exercícios de campanha. A Olimpíada Acadêmica é outra atividade vinculada à Seção que possibilita saudável confraternização entre os Cursos, motivados pela sadia competição.

As instruções de tiro, ministradas nas modernas e funcionais instalações da Seção de Tiro, visam ao adestramento do futuro oficial nessa que é uma das mais importantes atividades militares.

A Seção de Instrução Especial (SIEsp) ministra diversos estágios que possibilitam ao cadete enfrentar novas situações com o emprego de técnicas especiais. Os estágios são conduzidos sob a forma de operações continuadas, com pressão psicológica controlada e máxima imitação do combate.

A prática equestre, conduzida pela Seção de Equitação, tem por principal objetivo estimular a iniciativa, a decisão e a coragem, atributos indispensáveis ao combatente.

Ao término de cada ano letivo é realizada a Manobra Escolar, exercício no qual as Armas cumprem missões integradas. Essa atividade proporciona ao cadete oportunidade de desempenhar funções de comando em campanha.

A participação em diferentes clubes, agremiações

e grupos religiosos proporciona atividades de entretenimento, lazer e reflexão que possibilitam maior convívio social e espiritual dos cadetes com a comunidade civil e militar.

APOIO AO ENSINO

A Divisão de Ensino é a responsável pelo planejamento do ensino, pela coordenação da gestão escolar e pela avaliação dos processos de aprendizagem. Para isso, conta com a Seção Técnica de Ensino e a Seção Psicopedagógica. As diferentes disciplinas são organizadas em cadeiras e seções de ensino. Além desses órgãos, a Divisão dispõe de moderna biblioteca, que facilita o trabalho de pesquisa, e de uma editora.

O Corpo de Cadetes é responsável pelo acompanhamento diuturno dos cadetes, pela condução das disciplinas predominantemente militares dos diversos cursos – Organização, Preparo e Emprego da Força Terrestre; Técnicas Militares; Emprego Tático, entre outras –, pela manutenção da disciplina militar e pela realização das manobras e exercícios de campanha. Merece destaque a Seção de Liderança e Apoio à Doutrina, responsável pelo Projeto Liderança – peça essencial na construção do caráter militar.

Os valores cultuados no Exército Brasileiro forjam os comportamentos e as atitudes do cadete das Agulhas Negras. No dia-a-dia acadêmico são praticadas e desenvolvidas as virtudes militares – o exercício da verdade, da lealdade, da probidade e da responsabilidade. A força e a inspiração do idealizador da AMAN, Marechal **José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque**, permanecem estampadas nas sólidas e imponentes estruturas da Academia e selam a responsabilidade de seus integrantes de mantê-la, para sempre, como a escola de formação de líderes do nosso Exército. —

DO OFICIAL TEMPORÁRIO

O Exército Brasileiro, diante da necessidade de mobiliar os claros funcionais existentes no nível oficial subalterno e, também, em razão da Lei do Serviço Militar, criou o Quadro de Oficial Temporário Combatente/Apoio ao Combate e, recentemente, o de Serviço Técnico Temporário (STT). Esses dois grandes segmentos de oficiais temporários possuem seleção, formação e destinação diferenciadas.

OFICIAIS TEMPORÁRIOS COMBATENTES E DE APOIO AO COMBATE

São formados nos Centros de Preparação de Oficiais da Reserva-CPOR e nos Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva-NPOR os das Armas de Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Comunicações, do Serviço de Intendência e do Quadro de Material Bélico. Os CPOR e os NPOR têm por missão básica promover a formação moral, ética, física e intelectual do corpo discente, preparando líderes para o desempenho da função de oficial.

A formação do oficial temporário está orientada para duas direções: aumentar a participação do segmento mais instruído da sociedade no Exército e proporcionar um melhor embasamento profissional militar aos tenentes temporários que irão comandar as frações elementares nos corpos-de-tropa em tempo de paz.

O Curso de Formação de Oficiais da Reserva é realizado em um ano letivo, em período de meio expediente. Nas primeiras semanas, durante o Período Básico de Instrução, o aluno é adaptado à vida militar, adquire os conhecimentos essenciais ao combatente terrestre e tem os valores físicos e morais aperfeiçoados. No Período de Formação e Aplicação, o conhecimento necessário ao desempenho profissional específico de cada Arma, Quadro ou Serviço é trabalhado segundo modernas técnicas de ensino. Em poucos meses, o jovem universitário incorpora as características desejáveis ao futuro oficial temporário de Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia, Intendência, Comunicações e Material Bélico.

Após a solenidade de declaração de aspirantes-a-oficial do Exército Brasileiro, realizada ao término do ano de instrução, os melhores classificados são convocados para realizar o Estágio de Preparação de Oficiais Temporários, o EIPOT, em uma Organização

Militar (OM). Após esse período, são promovidos ao posto de segundo-tenente, podendo permanecer no serviço ativo por mais alguns anos até retornarem à vida civil.

Os CPOR, ao longo de suas existências, vêm contribuindo na formação de parcela importante da elite intelectual do País. Por seus bancos escolares passam, anualmente, grande parte dos jovens brasileiros que estarão desempenhando, em alguns anos, papéis de liderança em diversos segmentos da sociedade. Os jovens retornam à vida civil marcados, em suas mentes e corações, pelo compromisso de amor e dedicação ao Brasil, típico do soldado.

CONDIÇÕES PARA INGRESSO:

- ser brasileiro nato;
- estar freqüentando o ensino universitário em estabelecimento escolar devidamente reconhecido pelo Ministério da Educação;
- ser solteiro;
- ser do sexo masculino;
- ser voluntário para servir no CPOR/NPOR: e
- ser declarado aprovado na Seleção Especial composta de exame médico, teste físico e entrevista, conforme a legislação vigente.

CPOR E NPOR

Atualmente, o Exército possui cinco CPOR – sediados no Rio de Janeiro, em Porto Alegre, em Belo Horizonte, em São Paulo e no Recife – e 45 NPOR espalhados pelo território nacional.



A ORIGEM DOS CPOR

Criado no ano de 1927 com o intuito de dotar o Exército Brasileiro de uma reserva mobilizável de oficiais combatentes, o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro foi idealizado pelo Tenente-Coronel **Luis de Araújo Correia Lima**, segundo o conceito inovador de proporcionar aos jovens universitários a conciliação das atividades acadêmicas com o Serviço Militar Obrigatório. Em poucos anos, esse estabelecimento de ensino consolidou-se e prestou serviços relevantes ao País. Na II Guerra

Mundial, uniram-se à Força Expedicionária Brasileira 433 tenentes, 12 capitães, seis maiores e um tenente-coronel, todos formados no CPOR/RJ. Foram heróis brasileiros reconhecidos mundialmente por sua invulgar capacidade de luta e elevada coragem moral. Como exemplo, destacamos o tenente temporário **Apollo Miguel Rezk**, único brasileiro em toda a História a ser agraciado com a mais alta condecoração do Exército Norte Americano: a *Distinguished Service Cross* (Cruz de Serviços Notáveis).

OFICIAIS TÉCNICOS TEMPORÁRIOS

São selecionados entre os profissionais de nível superior das áreas de interesse do Exército: Ciências Agrárias, Biológicas, Saúde, Exatas, Humanas, Sociais Aplicadas, Engenharias, Letras e Assistência Religiosa (Católica e Evangélica). A formação militar tem a duração de 45 dias e pode ser realizada em qualquer OM do Exército. Os profissionais das Ciências da Saúde realizam o Estágio de Adaptação e Serviço (EAS), os demais realizam o Estágio de Serviço Técnico (EST).

O profissional candidato ao Serviço Técnico Temporário deve ter menos de 38 anos de idade em 31 de dezembro do ano de incorporação.

A inscrição dos candidatos se efetiva com o preenchimento da “Declaração de Voluntariado” e do “Compromisso para a Prestação de Serviço Militar Temporário” nas Regiões Militares.

No ato da inscrição, além do Diploma ou do Certificado de conclusão do curso de graduação, devem ser apresentados os seguintes documentos: Carteira de Identidade; Certificado de Reservista, Certificado de Dispensa de Incorporação (CDI) ou folhas de alteração para os reservistas; currículo profissional com Diploma

e (ou) Certificado de Conclusão de Curso de área de interesse do Exército; Certidão de Casamento, se for o caso; comprovante de dependente, se for o caso; Certidão de Tempo de Serviço prestado em órgão público, se for o caso; comprovante de residência; consentimento expresso da autoridade eclesial competente para os voluntários ao Serviço de Assistência Religiosa do Exército; e outros documentos que se fizerem necessários.

ÁREAS PROFISSIONAIS DE NÍVEL SUPERIOR DE INTERESSE PARA O EXÉRCITO

• Ciências Agrárias:

Engenharia Agrícola; Engenharia Florestal; Engenharia de Meio-ambiente.

• Ciências Biológicas:

Biologia Geral

• Ciências da Saúde:

Medicina; Farmácia; Veterinária; Odontologia; Educação Física; Enfermagem; Fisioterapia; Fonoaudiologia; Nutrição e Terapia Ocupacional.

• Ciências Exatas:

Computação; Processamento de Dados; Informática; Estatística e Matemática.

• Ciências Humanas:

Geografia; História; Pedagogia; Psicologia e Sociologia.

• Ciências Sociais Aplicadas:

Administração; Arquitetura e Urbanismo; e Biblioteconomia.

• Engenharia

• Letras

• Assistência Religiosa

Padre católico romano e Pastor. —

Fotos ilustrativas (arquivo CCOMSEX)



DO SARGENTO COMBATENTE

ESCOLA DE SARGENTOS DAS ARMAS



A Escola de Sargentos das Armas (EsSA), localizada em Três Corações (MG), é o único estabelecimento de ensino do Exército Brasileiro destinado exclusivamente à formação de sargentos das Armas de Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Comunicações. Logo, a formação profissional do graduado de carreira é a razão de ser da Escola.

Enquadrada na Linha de Ensino Militar Bélico de grau médio, a EsSA está estruturada em Comando e respectivo Estado-Maior, Corpo de Alunos, Divisões de Ensino, de Pessoal, de Tecnologia da Informação, Administrativa e um Batalhão de Comando e Serviços.

Para o cumprimento de sua missão, a EsSA seleciona, mediante concurso público anual, jovens de todas as partes do Brasil, submetendo-os a intenso adestramento, que lhes aprimora o caráter e desenvolve a capacidade física, a par de proporcionar aos futuros sargentos sólido e imprescindível embasamento militar.

O aluno da EsSA é alojado, alimentado e fardado por conta da União, da qual também recebe os proventos previstos em lei. Sua formação inclui ainda atividades sociais, culturais, recreativas e esportivas.

ATIVIDADES CURRICULARES

Todas as atividades do ano letivo são desenvolvidas

com a finalidade de capacitar o aluno ao exercício da função de comandante de pequenas frações, a ser desempenhada nos corpos de tropa após a conclusão do curso. O ensino, essencialmente técnico-profissional, é ministrado de forma prática, considerando que o futuro sargento deve ser, ao mesmo tempo, líder e executante.

As atividades de instrução desenvolvem-se em ritmo intenso. Busca-se, constantemente, a imitação das condições de combate. Com os objetivos de fortalecer a ténpera do aluno e capacitá-lo à liderança, sob quaisquer condições, este é levado a desempenhar, sob a orientação dos instrutores e monitores, funções de executante e de comando que serão exercidas nos corpos de tropa. Para isso, são utilizados dois campos de instrução: o Campo de Instrução do Atalaia e o Campo de Instrução General Moacir Araújo Lopes, distantes do aquartelamento cerca de oito e 40 km, respectivamente.

O ano de instrução é dividido em dois períodos: o Período Básico (PB) e o de Qualificação. O Período Básico, anteriormente realizado somente na EsSA e na Escola de Instrução Especializada (Rio de Janeiro-RJ), agora funcionará em 12 Organizações Militares Corpo de Tropa, localizadas em diversas regiões do território nacional. Esta primeira etapa do Curso de Formação de Sargentos tem a



Foto: 1º Sg Orlando Vitorino

duração de 34 semanas e, ao final, o aluno escolhe sua futura especialização segundo o critério do mérito intelectual. Já o Período de Qualificação (PQ), com 43 semanas, é conduzido integralmente na EsSA, durante o qual o aluno recebe instruções específicas da Arma escolhida.

Dentre as atividades escolares destacam-se as da Seção de Instrução Especial, os acampamentos, a MARESAER – competição desportiva que congrega as escolas militares congêneres da Marinha e da Força Aérea –, e a Manobra Escolar. Esta, considerada o coroamento do ano de instrução, é a atividade de ensino durante a qual os alunos aplicam os conhecimentos técnicos e táticos adquiridos durante todo o período letivo. Consta de um exercício no terreno, com o emprego de todos os cursos da Escola, no qual se desenvolve a capacidade de liderança militar e a ação de comando dos participantes.

A cerimônia de formatura do Curso de Formação de Sargentos é o ponto culminante e o marco de encerramento do ano escolar, na qual ocorre a entrega dos diplomas e a promoção dos alunos à graduação de 3º Sargento.

Esse é o perfil da EsSA. Escola de formação militar e civismo, ela transmite lições de patriotismo ao jovem aluno e prepara-o profissionalmente para o exercício das funções de Sargento.

A ARMA ESCOLHIDA

Infantaria

A Infantaria compreende o conjunto das tropas de um exército particularmente aptos para realizar o combate a pé, ainda que utilizando-se de meios de

transportes terrestre, aéreos ou aquáticos para o seu deslocamento. Na ofensiva, sua missão é cerrar sob o inimigo para destruí-lo ou capturá-lo, utilizando-se, para isto, do fogo, do movimento e do combate aproximado. Na defensiva, sua missão é manter o terreno, impedindo, resistindo ou repelindo o ataque inimigo, por meio do fogo e do combate aproximado, expulsando-o ou destruindo-o pelo contra-ataque. Por excelência, é a arma do combate aproximado, apta a operar em qualquer tipo de terreno e sob quaisquer condições de tempo e visibilidade.

O aluno de Infantaria da EsSA realiza atividades características da Arma, como patrulhas e operações de Garantia da Lei e da Ordem; tiros de canhão, de morteiro, de metralhadora; ações de ofensiva e defensiva; e outros exercícios de adestramento.

Cavalaria

Nos modernos carros de combate que, atualmente, equipam o Exército Brasileiro, a Cavalaria atua em largas frentes reconhecendo, provendo segurança e realizando manobras envolventes e profundas. Além disso, suas características de flexibilidade, capacidade de manobra, ação de choque, comunicações amplas e flexíveis, potência de fogo e proteção blindada lhe conferem grande importância no campo de batalha.

O aluno cavalariano é formado para ser comandante ou integrante das frações elementares orgânicas dos Regimentos de Cavalaria, entre elas, a de grupos de exploradores e de combate, de peça de apoio, de viatura blindada de reconhecimento e de carros de combate. Recebe instruções de emprego tático da

arma, comunicações, topografia, equitação, patrulhas, operações de Garantia da Lei e da Ordem, armamento e viaturas orgânicas da arma, entre outras.

Artilharia

A Artilharia é a responsável pelo apoio de fogo durante o combate. Organiza-se em Artilharia de Campanha, que tem por missão apoiar a Infantaria e a Cavalaria, pelo fogo neutralizando os alvos que ameaçam o êxito da operação; e Artilharia Antiaérea, componente terrestre da defesa aeroespacial ativa, que realiza a defesa antiaérea de forças, instalações ou áreas. A Artilharia caracteriza-se pela precisão e rapidez, para destruir ou neutralizar as instalações, os equipamentos e as tropas inimigas localizadas em profundidade no campo de batalha.

Engenharia

A Engenharia divide-se em duas vertentes: a de combate e a de construção. A de combate apóia as armas-base, facilitando o deslocamento das tropas amigas, reparando estradas e pontes, eliminando os obstáculos à progressão e, ainda, dificultando o movimento do inimigo.

A Engenharia de Construção, em tempo de paz, colabora com o desenvolvimento nacional, construindo estradas de rodagem, ferrovias, pontes, açudes, barragens, poços artesianos e muitas outras obras.

O futuro sargento de Engenharia recebe ades-

tramento em montagem e operação de uma equipagem de passadeira, com o objetivo de apoiar a arma-base na transposição de um curso d'água obstáculo; utilização de ponte pesada para transpor o comboio de viaturas em operações de combate; navegação a motor em bote pneumático; instrução de organização do terreno, lançando obstáculos de arame farpado; instrução de detecção de minas; abertura de trilha em área minada; tratamento de água em campanha; manutenção e construção de estradas; montagem e operação da portada leve; instalação de carga explosiva com explosivo plástico.

Comunicações

A Arma do Comando, como é conhecida, propicia os sistemas destinados a estabelecer as ligações entre os diversos escalões no combate, com a finalidade de apoiar o exercício do comando e controle. Além disso, atua no controle do espectro eletromagnético, por meio das atividades de Guerra Eletrônica, para impedir ou dificultar as comunicações do inimigo, facilitar as próprias comunicações e obter informações.

Durante o curso, o aluno recebe instruções específicas da Arma, como exploração e meios das Comunicações, Telemática, novos equipamentos de Comunicações. Ainda participa de instruções em campo, em salas de aula e no Centro de Simulação de Telemática da Escola. —



Formatura de final de curso

DO SARGENTO TEMPORÁRIO



Fotos: 1º Sgt Orlando (CCOMSEx)

O terceiro-sargento temporário foi instituído no Exército Brasileiro por intermédio da Lei nº 6.144, de 29 de novembro de 1974, com a finalidade de preencher parcela das vagas de terceiros-sargentos com praças temporárias. Foi considerada, ainda, a necessidade de graduados para compor a reserva mobilizável da Força Terrestre. A solução adotada permitiu estruturar a carreira dos graduados por meio da adequação dos efetivos de sargentos de carreira, fato que permitiu um fluxo mais regular e harmônico.

Em 1976, foi iniciada a formação da primeira turma de 3º sargentos temporários das Qualificações Militares Singulares (QMS) combatentes. Posteriormente, contemplou-se a formação de todas as QMS: Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia, Comunicações, Material Bélico, Intendência e Saúde.

Atualmente, além dos Cursos de Formação de Sargentos Temporários, conduzidos nas diversas Organizações Militares (OM) do Exército Brasileiro, funcionam os Estágios Básicos de Sargentos Temporários Voluntários, cada qual revestido de características peculiares que serão abordadas a seguir.

O CURSO DE FORMAÇÃO DE SARGENTOS TEMPORÁRIOS (CFST)

A formação do 3º sargento temporário por meio do CFST é realizada em diversas OM da Força Terrestre. O Curso desenvolve-se sob a coordenação das Regiões Militares, orientado pelos Comandos Militares de Área e regulado pelo Comando de Operações Terrestres (COTER). Conduzido de forma eminentemente prática, tem como universo de seleção os cabos e soldados engajados que tenham concluído o Curso de Formação de Cabos com aproveitamento. Destacada conduta e alto desempenho nas funções inerentes aos cargos que ocupam na OM são, também, aspectos considerados.

A instrução conduzida no CFST tem por objetivos:

- formar o 3º sargento temporário combatente, capacitando-o a liderar e comandar a fração elementar de sua Arma, Quadro ou Serviço;
- habilitar o graduado ao exercício das funções comuns ao 3º sargento, com destaque para a execução dos serviços internos e em campanha; e
- propiciar ao 3º sargento temporário a iniciação e o treinamento indispensáveis para o desempenho satisfatório das funções de monitor e de instrutor da OM.

A estrutura do curso, o rol de instruções e as condições para o funcionamento do CFST são normatizados nos respectivos programas-padrão (PP) da série QUEBEC específicos para cada Arma, Quadro e Serviço. Além desses documentos, outras informações e diretrizes específicas estão consubstanciadas no Programa de Instrução Militar (PIM) e em portarias do Comandante do Exército, além de constarem das Diretrizes de Instrução dos Grandes Comandos e Grandes Unidades enquadrantes das OM com encargo de formação.

O curso desenvolve-se em duas fases. A primeira coincide com a execução da 1ª subfase da Instrução Individual Básica (IIB), e ocorre ao longo de oito semanas. Busca-se, nessa fase, focar a instrução na função que o concludente ocupará na OM. São ministradas instruções referentes às matérias comuns a todas as QMS: Armamento e Tiro, Chefia e Liderança Militar, Comunicações, Educação Moral e Cívica, Inteligência e Contra-inteligência, Instrução Geral, Marchas e Estacionamentos, Metodologia da Instrução, Operações de Garantia da Lei e da Ordem, Ordem Unida, Topografia e Treinamento Físico Militar, além das instruções peculiares aos diversos grupamentos de instrução.

Uma vez que os alunos estejam instruídos e orientados para a execução das atividades básicas

inerentes a seus cargos, inicia-se a 2ª fase do curso. Ela tem a duração de 13 semanas, coincidentes com a Instrução Individual de Qualificação (IIQ). O instruído passa a desempenhar as funções do cargo para o qual está sendo formado e tem participação ativa na IIQ. Contribui, dessa forma, para a formação dos recrutas incorporados naquele ano, os quais, ao término da IIQ, serão seus subordinados diretos.

Em princípio, cada OM é responsável pela formação de seus próprios sargentos temporários. Caso necessário, principalmente para a formação das QMS mais técnicas ou para proporcionar economia de recursos, é possível centralizar a 1ª fase do curso em uma OM da Brigada ou da Região Militar. Para a realização da 2ª fase, os alunos que, eventualmente, freqüentaram a 1ª fase em outra OM, retornam a suas OM de origem, onde concluirão o curso.

Após a conclusão, o 3º sargento temporário será efetivado no cargo para o qual foi formado, passando a desempenhá-lo em sua plenitude. O término do CFST coincide com o início do período de adestramento, no qual o concluído do Curso atuará como comandante de fração, instruindo e conduzindo seus subordinados nos diversos exercícios.

Nas OM especializadas, é permitida e estimulada a participação dos sargentos temporários nos cursos e estágios ministrados para os graduados de carreira, a fim de permitir a participação desses militares nas atividades específicas conduzidas na Unidade.

Ao ser matriculado no CFST, o aluno assume, por escrito, compromisso de servir ao Exército Brasileiro pelo prazo mínimo de um ano, caso conclua o curso com aproveitamento, a contar da data da promoção à graduação de 3º sargento.

É facultado ao 3º sargento temporário a permanência na ativa por um período máximo de sete anos, computados todos os tempos de serviço público (Serviço Militar Inicial, engajamentos e outros), consecutivos ou não. O fato de o sargento temporário não ser movimentado permite o pleno aproveitamento de seu tempo de serviço pela OM formadora.

O ESTÁGIO BÁSICO DE SARGENTO TEMPORÁRIO (EBST)

Algumas especialidades técnicas são críticas e indispensáveis para o efetivo funcionamento das OM da Força e essas vagas não são passíveis de preenchimento com os recrutas incorporados para a prestação do Serviço Militar Inicial. Para o atendimento dessas necessidades específicas, foi idealizado o Estágio Básico de Sargento Temporário (EBST).

O Estágio tem como universo de seleção os reservistas de 1ª e 2ª categorias, os dispensados de incorporação e as mulheres, voluntários e integrantes de

categorias profissionais de nível médio relacionadas com áreas de conhecimento de interesse do Exército.

O EBST é conduzido à semelhança do CFST e do Estágio de Adaptação e Serviço (cursado pelos médicos, farmacêuticos, dentistas e veterinários), com as necessárias adaptações.

Sua 1ª fase, que tem a duração de 45 dias, tem por objetivos gerais adaptar os estagiários à vida militar; proporcionar conhecimentos e desenvolver habilidades e destrezas indispensáveis para o exercício das funções inerentes ao 3º sargento técnico temporário; e desenvolver os atributos da área afetiva que conformam o caráter militar. Essa fase é realizada em OM operacional designada pelo Comando da Região Militar e sediada na mesma Guarnição onde os estagiários realizarão a 2ª fase do EBST – Aplicação de Conhecimentos.

A 2ª fase tem a duração de 10 meses e 15 dias, os quais, somados ao período da 1ª fase, totalizam os 12 meses previstos para o EBST. Os objetivos colimados para a 2ª fase do estágio são: adaptar os estagiários ao exercício dos cargos para os quais foram convocados; proporcionar condições de aplicação de suas técnicas profissionais; e torná-los mobilizáveis, quando na reserva, para exercer cargos privativos de 2º sargento de suas respectivas qualificações.

As condições de funcionamento, a listagem dos assuntos elencados para as instruções aos estagiários e demais normas reguladoras do EBST encontram-se editadas no Programa de Instrução Militar, na Diretriz Complementar para o Serviço Militar Temporário em Tempo de Paz, nas diretrizes emanadas dos Grandes Comandos e Grandes Unidades enquadrantes das OM com encargo de formação, e no PPE-07/3 – Estágio Básico de Sargento Temporário, elaborado e editado pelo COTER e aprovado pelo Estado-Maior do Exército.

CONCLUSÃO

A preocupação e o esmero da Força na preparação do 3º sargento temporário é proporcional à importância desses militares no contexto da Instituição. O 3º sargento é o comandante de frações elementares das Unidades e desempenha papel fundamental para o êxito das missões atribuídas à Força Terrestre.

Assim, o Exército Brasileiro busca oferecer, dentro de suas possibilidades, as melhores condições para a formação dos sargentos temporários. Para isso, seleciona o pessoal encarregado da condução dos cursos entre os melhores das Unidades de Tropa e disponibiliza o material indispensável ao pleno acompanhamento das instruções. Dessa forma, os militares temporários estão em condições de assumir cargos destacados nas OM. —



VIATURA LEVE DE EMPREGO GERAL AEROTRANSPORTÁVEL GAÚCHO

O protótipo da Viatura Leve de Emprego Geral Aerotransportável Gaúcho foi apresentado ao Presidente da República, **Luis Inácio Lula da Silva**, no Palácio do Planalto. Na oportunidade, o Comandante do Exército, General-de-Exército **Francisco Roberto de Albuquerque**, destacou a importância do intercâmbio científico e tecnológico entre os Exércitos do Brasil e da Argentina para a fabricação do veículo.

O intercâmbio implementa, no âmbito da Força Terrestre, o Acordo de Cooperação Científica e Tecnológica firmado entre os governos da República Argentina e da República Federativa do Brasil em 17 de maio de 1980. No Brasil, o projeto está sendo conduzido pelo Centro Tecnológico do Exército (CTEx) e na Argentina pela *Dirección de Investigación Desarrollo y Producción* do Exército daquele país.

A viatura está passando por testes de engenharia no Centro de Avaliações do Exército (Rio de Janeiro-RJ)



e logo será submetida à avaliação técnica e operacional, segundo a moderna metodologia de avaliações do Exército Brasileiro. Para sua aprovação, deverá atender cerca de 60 requisitos previamente definidos pelos dois exércitos.

Dotada de grande versatilidade, a viatura destina-se, prioritariamente, às unidades aeromóveis e aeroterrestres, haja vista que sua concepção permite o empilhamento e o transporte em aeronaves do tipo C-130. Sua suspensão independente, de grande curso, nas 4 rodas, e a tração 4x4, aliada ao potente motor, permite elevada mobilidade tática em qualquer terreno. O Gaúcho poderá ser empregado em missões de suprimento, transporte de material, evacuação de feridos, lançamento de fios, reconhecimento, comando e controle e operações especiais. ➡

Dimensões:

Largura 2,15 m; comprimento 4,15 m; altura 1,85 m; distância entre eixos 2,80 m; bitola 1,83 m; vão livre 0,42 m; ângulo de entrada 50°; ângulo de saída 40°.



Os desportos na Força Terrestre são regulados pelas Instruções Gerais para os Desportos no Exército (IG 10-39), que definem as modalidades praticadas e as competições previstas. Atualmente, estão incluídas as seguintes modalidades: Atletismo,

O Exército Brasileiro, contando com atletas destacados no cenário nacional e internacional, tem conseguido manter um elevado nível de desempenho em competições civis e nos Campeonatos das Forças Armadas. Das 85 edições realizadas até a presente

data, a Força Terrestre sagrou-se campeã 78 vezes. Esses atletas militares foram revelados e tiveram suas carreiras desportivas iniciadas em competições militares da Força Terrestre. Na atualidade, a principal competição no âmbito do Exército é constituída pelos Jogos Marciais, com previsão de ocorrerem nos anos ímpares e com sede em um Comando Militar de Área previamente escolhido.

Essa competição foi criada em 1981 e, além de promover o surgimento de talentos desportivos, tem como principal missão estimular o aprimoramento das qualidades físicas e morais do homem, pilar fundamental da manutenção da operacionalidade da Instituição. No entanto, os Jogos Marciais só possuíam três edições: 1981, 1983 e 1985.

Em 2003, a CDE propôs a realização dos “IV Jogos Marciais”, na Semana do Soldado, em comemoração ao bicentenário do nascimento do Duque de Caxias. O evento alcançou grande sucesso e foi alvo de inúmeros elogios nos diversos escalões. Assim, os Jogos Marciais reascenderam como a mais importante competição desportiva do Exército. Sua 5ª edição

foi realizada em Brasília, no ano de 2005, composta pelas modalidades de Atletismo, Corrida Através Campo, Orientação, Tiro e Voleibol, reunindo cerca de 500 dos melhores atletas dos sete Comandos Militares de Área do Exército Brasileiro.

Outro fato que trouxe uma nova dinâmica aos desportos no Exército foi a incorporação do segmento feminino. Sua participação iniciou-se timidamente no ano de 2000, quando inscrevemos apenas uma equipe no Campeonato de Tiro, mas vem crescendo, significativamente, ao longo dos anos. Hoje, contamos com a presença feminina nas modalidades de Corrida Através Campo, Natação, Orientação, Tiro e Triatlo. Com expressivos resultados, nossas atletas já foram convocadas a compor as delegações brasileiras nos Campeonatos Mundiais Militares de Corrida Através Campo, Maratona – quando foi obtido o 4º lugar

individual pela Ten **Reledy** –, Orientação, Tiro e Triatlo. A fim de revelar novos valores e incentivar a prática dos desportos no segmento feminino, contaremos, pela primeira vez, com a participação feminina nos Jogos Marciais de 2007 nas modalidades de Tiro, Orientação, Corrida Através Campo e, como inovação, no Pentatlo Militar.

Acreditamos que o desporto é a atividade militar, realizada em tempo de paz, que mais se assemelha ao combate, pois é durante a sua execução que o militar expõe suas fraquezas, evidencia suas qualidades físicas e morais, desenvolve um real espírito de equipe, busca, incessantemente, a superação de suas limitações físicas e ratifica seus valores morais.

Com um trabalho dedicado e persistente, a CDE vem elevando cada vez mais o nome do Exército Brasileiro no cenário desportivo nacional e internacional, contribuindo para a união dos atletas que representam suas equipes e para o desenvolvimento do esporte nas Forças Armadas e no Brasil. —

Principais destaques do passado:

Ten **Guilherme Paraense** (Tiro)
 Cel **Eloy Menezes** (Hipismo)
 Maj **Sylvio Padilha** (Atletismo)
 Sgt **João Carlos de Oliveira** – **João do Pulo** – (Atletismo)
 Cel **Nilo Jaime** (Pentatlo Militar)
 Cel **Malta** (Pentatlo Moderno)
 Ten **Aluísio Alves Borges** (Pentatlo Moderno)
 Ten **Aécio Morrot Coelho** (Pentatlo Moderno)
 Ten **Erik Tinoco Marques** (Pentatlo Moderno)
 Cel **Jamil Gedeão** (Basquetebol)
 Cap **Cramer** (Esgrima)

Atuais destaques:

Cb **Godoy** (Atletismo)
 Cb **Januário** (Atletismo)
 Sd **Bruno Pacheco** (Atletismo)
 Ten **Reledy** (Maratona)
 Cb **Eder** (Maratona)
 Sd **Gutemberg** (Maratona)
 Sd **Henrique Guimarães** (Judô)
 Sd **Daniel Hernandez** (Judô)
 Sd **Sebastian Pereira** (Judô)
 Sd **Daniel Garcez** (Judô)
 Sub Ten **Bandeira** (Pentatlo Militar)
 Ten Cel **Cardoso** (Tiro)
 Cap **Ferreira** (Tiro)
 Cap **Rolim** (Pentatlo Moderno)
 Ten **Daniel Vargas** (Pentatlo Moderno)



DO EXÉRCITO BRASILEIRO

VALORES, DEVERES E ÉTICA MILITARES



“A carreira militar não é uma atividade inespecífica e descartável, um simples emprego, uma ocupação; mas um ofício absorvente e exclusivista, que nos condiciona e autolimita até o fim. Ela não nos exige só as horas de trabalho da lei, mas todas as horas da vida, nos impondo também nossos destinos. A farda não é uma veste que se despe com facilidade e até com indiferença, mas uma outra pele, que adere à própria alma, irreversivelmente para sempre”.

General Octávio Costa

A citação acima expressa, de imediato, o valor que o Exército Brasileiro atribui aos profissionais que completam seus diversos quadros – recursos que não se comparam a nenhum outro. Portanto, a atividade relacionada ao pessoal reveste-se de peculiaridades e aspectos singulares.

O Departamento-Geral do Pessoal (DGP) é o Órgão de Direção Setorial que tem por finalidade executar a política e as diretrizes estratégicas de pessoal do Exército e as atividades de administração do pessoal que lhe são atribuídas por legislação específica.

As constantes movimentações, os sacrifícios a que a família é submetida, o sempre presente risco de vida, a sujeição às normas rígidas de hierarquia e disciplina e a dedicação exclusiva à profissão, entre outras características, conferem modelo próprio à carreira das Armas.

Dessa forma, o culto aos valores, deveres e ética militares deve ser entendido como um continuado processo de aprimoramento das virtudes e perfeito entendimento das tradições de **Caxias**.

Essas ações acontecem em perfeita consonância com as diretrizes do Comandante da Força e com o trabalho realizado pelo Departamento de Ensino e Pesquisa, que confere oportunidade e prioridade para os alunos das suas diversas escolas desenvolverem e praticarem considerável gama de atributos da área afetiva.

A manifestação das características que adornam o caráter do militar acontece em todas as etapas da carreira, nos diferentes níveis de decisão e em múltiplas direções. Manifesta-se do subordinado para o superior hierárquico, deste para o subordinado, entre os pares e de todos os integrantes da Força para a Instituição e a Pátria.

DIRETORIA DE ASSISTÊNCIA AO PESSOAL – DAP



Nesse sensível segmento, a Instituição direciona o seu trabalho para atender, nas melhores condições, os anseios da família militar nas áreas de assistência suplementar à saúde, assistência social e religiosa. Os profissionais do Departamento-Geral do Pessoal devem atuar com elevada eficiência, lealdade,



respeito à dignidade da pessoa humana e atenção às necessidades dos dependentes, de forma a adequarem-se aos novos cenários sem perder o foco na missão.

Dessa forma, permeiam todo o leque da ética militar em suas quatro vertentes: o sentimento do dever, a honra pessoal, o pundonor militar e o decoro da classe. São esses valores, deveres e ética que o Exército necessita para continuar a oferecer serviços que atendam às expectativas de todos.

Importante destacar, no contexto da assistência suplementar à saúde, o Fundo de Saúde do Exército. Seu pessoal altamente qualificado presta atendimento de elevado padrão de qualidade aos mais de 570.000 beneficiários.

DIRETORIA DE SERVIÇO MILITAR – DSM



Não é apenas o Departamento de Ensino e Pesquisa, com sua estrutura escolar, que participa da captação de recursos humanos. A Diretoria de Serviço Militar, subordinada ao DGP, possui importante parcela nesse processo.

O Serviço Militar envolve Organizações Militares espalhadas por todo o território nacional que recebem, anualmente, milhares de jovens durante o processo de seleção. Para a grande maioria desse universo, essa é a única oportunidade de travar contato com o Exército Brasileiro, pois menos de 5% serão incorporados.

Cabe, portanto, ressaltar a importância da participação e do completo entendimento de cada profissional militar envolvido no sistema, em todos os níveis, como vetor da disseminação do civismo no seio da sociedade brasileira. Assim, durante todas as fases do processo de seleção, nas entrevistas, na conversa informal ou na entrega do Certificado de Dispensa de Incorporação, os militares deverão externar manifestações inequívocas de patriotismo e amor à profissão, respeito aos símbolos nacionais, disciplina e trato digno para com os subordinados.

Idêntico procedimento deverá ser dispensado para os matriculados nos Centros ou Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva, para os estudantes de Medicina, Farmácia, Odontologia e Veterinária que, posteriormente, serão submetidos a uma Seleção Especial e, ainda, para os profissionais das mais distintas formações de interesse da Força que irão realizar os estágios de oficiais e sargentos técnicos temporários.

Esses cidadãos de elevado padrão cultural representam verdadeiros vetores de multiplicação dos valores, deveres e ética militares aprendidos no seio da Instituição. O sucesso está diretamente relacionado à capacidade de transmitir todos os atributos desejados, independente do período que tenham convivido com

os profissionais do Exército.

Já os Tiros-de-Guerra (TG) são órgãos de formação da reserva que, mantendo o cidadão no seu município de origem, possibilitam conciliar o dever cívico com os interesses particulares de estudo e trabalho. Os 231 TG existentes no País representam importante elo com as mais variadas comunidades. Ao DGP compete a delicada seleção e o ordenamento para propiciar a decisão adequada sobre os militares que conduzirão as instruções nos TG. Esses militares, para muitos brasileiros, representam a imagem exata da Instituição.

DEVERES MILITARES

- Dedicção e fidelidade à Pátria
- Respeito aos Símbolos Nacionais
- Probidade e lealdade
- Disciplina e respeito à hierarquia
- Rigoroso cumprimento dos deveres e ordens
- Trato do subordinado com dignidade

ÉTICA MILITAR

- Sentimento do dever
- Honra pessoal
- Pundonor Militar
- Decoro da classe

VALORES MILITARES

- Patriotismo
- Civismo
- Fé na missão do Exército
- Amor à profissão
- Espírito de corpo
- Aprimoramento técnico-profissional

ASSESSORIA ESPECIAL

O Portfólio de Apoio à Família Militar (PAFMil) apresenta diversos programas e projetos que indicam uma direção única para o alcance dos objetivos estratégicos e a garantia dos investimentos nas áreas de assistência à saúde, assistência social e assistência aos inativos e pensionistas, visando a:

- melhorar as condições de funcionamento das Organizações Militares que atuam nessas áreas;
- minimizar custos; e
- elevar o grau de satisfação da Família Militar.

O PAFMil é um dos produtos da Assessoria Especial do DGP, criada em 2005, fruto do constante comprometimento do Comandante do Exército com “a qualidade de vida da família militar”. Essa condição demonstra o trato digno dispensado aos subordinados. Uma inequívoca posição de liderança, que privilegia a persuasão e o respeito para com o próximo, em plena consonância com os valores, deveres e ética militares preconizados pelo Exército.

O portfólio foi construído com base em quatro processos. O primeiro é o de Avaliação Diagnóstica, que tem como objetivo conhecer as exatas necessidades da família militar, os seus pontos fracos e fortes, os problemas e suas respectivas causas, as oportunidades de melhorias e as ameaças ao sistema.

Em sequência, o processo de Análise Estratégica busca alternativas para dar solução aos problemas levantados na fase anterior, permitindo, assim, uma melhor visão do que pode ser corrigido. Inicia-se, dessa maneira, o processo decisório, quando são definidas as opções estratégicas que poderão ser adotadas.



DIRETORIA DE SAÚDE – D SAU

O DGP, focado na higidez do público interno, procura, continuamente, definir estratégias de reestruturação das Organizações Militares de Saúde. Busca, assim, centrar seus esforços na padronização do atendimento de saúde aos militares e seus dependentes, nos mais diversos rincões do País, com elevado padrão de desempenho.

São valores como a fê na missão, o amor à profissão e o constante aprimoramento técnico-profissional que facilitam essas ações do Serviço de Saúde do Exército. Embora possua características peculiares, logra alcançar resultados excepcionais nas mais inóspitas regiões do país. Dessa forma, em qualquer lugar onde houver uma tropa brasileira, lá estará presente o nosso sistema de saúde.

Em respeito aos companheiros da ativa, inativos e pensionistas, a Diretoria de Saúde, subordinada ao DGP, vem se empenhando para melhorar a qualidade dos equipamentos distribuídos às Organizações Militares de Saúde para o atendimento às necessidades da família militar.

Nesse contexto, foi criada a Ficha de Informações Gerenciais das Organizações Militares de Saúde (FIGOMIS), que mostra, em tempo real, as necessidades e deficiências dos Hospitais, Postos de Saúde e Organizações Militares congêneres. Esse procedimento oferece a melhoria da gestão de todos os processos.

DIRETORIA DE CIVIS, INATIVOS E PENSIONISTAS – D CIP



Ações que visam ao bem-estar do público interno e à excelência no atendimento são preocupações constantes da Instituição.

Agindo dentro dos princípios preconizados pela Força Terrestre, o DGP, por meio da D CIP, autorizou o desenvolvimento de Projeto-Piloto

na 2ª Região Militar (São Paulo-SP) a fim de dinamizar a série de processos comuns aos Órgão Pagadores que atendem a essa considerável parcela de usuários.

Com o foco voltado para a automação, a redução de custos e a segurança, o projeto logrou resultados expressivos. Aumentou a agilidade do atendimento, a austeridade na aplicação de recursos e a confiabilidade do sistema. As ferramentas adotadas foram a identificação e a fotografia digitais.

O sucesso dessa prática inovadora desencadeou estudos para estendê-la para todo o território nacional, de forma a assegurar as condições ideais esperadas por todos aqueles que utilizam o sistema.

São exemplos como esse que confirmam o compromisso do DGP com o respeito, a consideração e o profissionalismo no relacionamento com aqueles que dedicaram grande parte de suas vidas ao Exército Brasileiro, sejam militares ou civis na inatividade, sejam seus familiares.



DIRETORIA DE AVALIAÇÃO E PROMOÇÕES – D A PROM

A atividade de avaliação de pessoal norteia os trabalhos de promoção e de seleção de pessoal no âmbito do DGP.

Herdeira, desde sua criação, de extensa lista de processos implantados, aplicados e aperfeiçoados ao longo dos anos, a D A Prom, sob orientação do chefe do Departamento, desenvolve suas atribuições com inflexível imparcialidade e total discrição no trato dos assuntos de sua responsabilidade.

Os caminhos trilhados por todos os integrantes da Diretoria pautam-se pela busca da justiça, visando a estimular, de maneira progressiva e continuada, o aprimoramento profissional dos militares de carreira da ativa. Esse reconhecimento segue critérios morais e meritórios pré-estabelecidos.

A criação da Ficha de Informações de Oficial, em 1973, e os variados sistemas de avaliação, disponibilizados nos anos de 1977, 1987, 1989, 1996 e 2001, possibilitaram o aprimoramento dos fatores que concorrem para a elaboração das listas de avaliação dos universos considerados na elaboração dos quadros de acesso para as promoções de oficiais e de praças.

Isso posto, a DAProm reafirma a sua crença nos integrantes da Força, o maior patrimônio do Exército, e estimula o desenvolvimento de sadias carreiras e eficientes desempenhos, dentro dos parâmetros de valores, deveres e ética militares.

DIRETORIA DE CONTROLE DE EFETIVO E MOVIMENTAÇÕES – DCEM



A DCEM é um dos mais sensíveis segmentos do DGP.

Suas atribuições incluem a coordenação, o controle e a efetivação das atividades relacionadas com:

- movimentações de militares de carreira;
- adição, agregação e reversão; e
- designação para o serviço ativo.

Possui, ainda, como uma de suas finalidades, a seleção para o Comando, Chefia e Direção, para os diversos cursos de aprimoramento técnico-profissional e para as missões no exterior.

Os critérios de seleção, com os quais a DCEM trabalha na elaboração das diversas planilhas, instrumentos de apoio à decisão, seja do Comandante

da Força, seja do Chefe do DGP, são por demais conhecidos. Sustentam-se no valor profissional, no mérito adquirido e, ainda, no equilíbrio da necessidade com a disponibilidade de candidatos. Pautam-se pelos mais rígidos instrumentos de controle, lisura e não sofrem qualquer influência de motivação externa.

Aconselha-se, assim, em particular aos mais novos, a fé na missão, o amor à profissão, a lealdade e a probidade, de sorte que, unindo valores e deveres, possam atingir os objetivos pretendidos.

Já as movimentações buscam proporcionar os recursos humanos necessários para o adequado funcionamento das Organizações Militares. Trazem, como consequência, a “vivência nacional”, que, em seu bojo, revela a dedicação e a fidelidade do militar à Pátria, na justa medida da presteza externada para servir nas mais variadas regiões do Brasil. ➡

“Os Recursos Humanos são o maior patrimônio do Exército”

The screenshot shows the homepage of the Brazilian Army's official website, www.exercito.gov.br. The browser window is titled "Exército Brasileiro - Página Inicial" and the address bar shows "http://www.exercito.gov.br". The website features a green header with the "EXÉRCITO BRASILEIRO" logo and navigation links. A sidebar on the left contains links to "Sala de Imprensa", "Ofícios Institucionais", "Informações & Estatísticas", "Notícias", "Histórico do Exército", "Plano de Comunicação Social", and "A Missão e a Visão de Futuro do Exército Brasileiro". The main content area displays a "Últimas notícias" section with several news items, a "Operação Timbo IV" graphic, and a "Concursos" section at the bottom. The URL "www.exercito.gov.br" is prominently displayed in large blue text at the bottom of the page.

DEFESA QUÍMICA, BIOLÓGICA E NUCLEAR

Neste início de século, a humanidade ainda está longe da almejada paz entre as nações. Os Estados não hesitam em empregar a força para a defesa de seus interesses. Os conflitos étnicos se multiplicam e os confrontos localizados são freqüentes. A guerra é uma realidade que, veiculada na mídia, penetra em todos os lares. Nesse contexto, o risco do flagelo nuclear continua a existir. Embora a tecnologia tenha dado novas facetas à guerra, antigas técnicas de combate continuam sendo largamente empregadas. Entre essas, podemos destacar as ações terroristas, o uso de bombas “suja” e o emprego de agentes químicos e biológicos. O recente embargo das Nações

Unidas ao Iraque teve o propósito de evitar a produção de armas de destruição em massa. E, num dos exemplos mais contundentes, uma seita japonesa empregou o gás Sarin em uma estação do metrô de Tóquio, provocando a morte de 12 pessoas e ferimentos em milhares de passageiros.

Portanto, verifica-se que Defesa Química, Biológica e Nuclear (DQBN) é assunto atual que merece tanto a reflexão dos pensadores militares como ações direcionadas para seu aprimoramento. Os artefatos Químicos, Biológicos e Nucleares (QBN) produzem efeitos devastadores e permanentes. A adoção de contramedidas em relação a essas ameaças tem sido preocupação constante da Força.



Pelotão de Reconhecimento e Identificação coletando amostras QBN



Pelotão de Reconhecimento e Identificação durante demarcação de áreas contaminadas

Participação nas ações do Plano de Emergência das Usinas Nucleares de Angra I e II, apoiando as atividades de monitoração, descontaminação e evacuação da população do município de Angra dos Reis-RJ



HISTÓRICO

A origem da Companhia de Defesa Química, Biológica e Nuclear (Cia DQBN) remonta ao ano de 1953, oportunidade em que foi criada a Companhia Escola de Guerra Química, aquartelada nas dependências da Escola de Instrução Especializada (EsIE). Inicialmente, a Companhia ficou subordinada ao Grupamento de Unidades-Escola (GUEs).

Em novembro de 1987, a Companhia Escola de Guerra Química foi extinta e foi criada a Companhia de Defesa Química, Biológica e Nuclear, que manteve sua sede na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Sua subordinação, entretanto, passou à Diretoria de Especialização e Extensão.

No período de setembro a dezembro de 1987, a Organização Militar deslocou-se para a cidade de Goiânia (GO) para atuar junto à Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) no acidente ocorrido com o radioisótopo Césio 137. Nessa oportunidade, realizou missões de descontaminação e de triagem de público.

Desde 1989, a Cia DQBN participa do Exercício Geral do Plano de Emergência das Usinas Nucleares de Angra I e II, em coordenação com o Plano de Emergência Complementar do Comando Militar do Leste e com o Sistema de Proteção ao Programa Nuclear Brasileiro do Ministério da Ciência e Tecnologia. Sua missão é apoiar as atividades de monitoração, descontaminação e evacuação da população do Município de Angra dos Reis (RJ).

No ano de 2001, a Companhia realizou, em conjunto com o Instituto de Biologia do Exército, a descontaminação biológica do material das tropas que cumpriram missão de paz no Timor Leste.

Em janeiro de 2004, após breve período de

subordinação à Brigada de Operações Especiais, a Cia DQBN retornou à subordinação da Diretoria de Especialização Extensão, permanecendo vinculada ao Comando de Operações Terrestres para fins de instrução e planejamento de emprego.

Recentemente a Cia foi indicada como representante do Brasil junto à Organização para a Proibição de Armas Químicas (OPAQ), a fim de integrar missões de assistência e proteção em situações de catástrofe química em países membros da OPAQ.

O SISTEMA DE DEFESA QUÍMICA, BIOLÓGICA E NUCLEAR DO EXÉRCITO BRASILEIRO (SISDQBNEX)

O desenvolvimento das atividades da Cia DQBN é norteado pelo SisDQBNEEx, que tem por finalidade:

- capacitar a Força Terrestre para o emprego nas missões de defesa externa, garantia da lei e da ordem (GLO) e cooperação com a Defesa Civil em ambiente operacional onde ocorra a presença e (ou) a ameaça de emprego de agentes QBN;
- cumprir a missão constitucional de GLO, em casos de ameaças ou desastres QBN, de acordo com as diretrizes baixadas em ato do Presidente da República, após esgotados os instrumentos destinados à preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, relacionados no artigo 144 da Constituição Federal;
- reduzir o hiato tecnológico quanto à defesa QBN em relação a outros exércitos; e
- cooperar com o Sistema Nacional de Defesa Civil (SINDEC) nas ações de redução de desastres QBN que abrangem os seguintes aspectos globais: prevenção, preparação para emergências e resposta aos desastres.



Pelotão de Reconhecimento e Identificação realiza monitoração de blindados

MISSÃO DA CIA DQBN

Assessorar e apoiar o escalão superior nos assuntos relativos às operações QBN e atender a emergências de natureza química, biológica, nuclear e radiológica em apoio à Força Terrestre, às demais Forças Singulares e (ou) Auxiliares e à Defesa Civil.

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

A Cia DQBN está constituída por um efetivo de 200 militares e organizada em três pelotões operacionais e um pelotão administrativo:

- Pelotão de Reconhecimento e Identificação – responsável por reconhecer itinerários e demarcar áreas contaminadas, por coletar amostras de ambiente QBN para posterior identificação e por auxiliar no monitoramento, detecção e controle de pessoal e material;

- Pelotão de Operações – responsável pelo controle de eventuais distúrbios que envolvam o atendimento a emergências QBN, sobretudo nas ações de demarcação de áreas contaminadas e de triagem de público;

- Pelotão de Descontaminação – responsável pelas operações de descontaminação total de pessoal e material; e

- Pelotão de Comando e Apoio - responsável pela vida vegetativa da Organização Militar. Provê os meios necessários a seu funcionamento operacional e administrativo.

CONCLUSÃO

A ameaça QBN tem-se mostrado ativa e em constante evolução. Segundo especialistas, ela representa, nos dias atuais, uma das principais formas de ataque,

particularmente em ações terroristas. Atento a essa ameaça, o Exército Brasileiro, por meio da Cia DQBN, tem procurado acompanhar o ritmo acelerado da evolução doutrinária e tecnológica dos equipamentos de proteção, detecção e descontaminação, que acompanham as modificações estruturais da defesa QBN ou surgem como consequência do emprego de tropas em missões reais de combate. —



Pelotão de Operações provendo a segurança de descontaminação



*Combatente do Pelotão de
Descontaminação*

Ingresso no Curso de Defesa QBN

O Curso de Especialização em Defesa QBN para oficiais e sargentos é realizado na EsIE, localizada na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Tem a duração média de 17 semanas para oficiais e 10 semanas para sargentos. A solicitação para a inscrição no Curso é feita por meio de requerimento encaminhado ao Departamento-Geral do Pessoal. Informações: (0xx21) 3337-2442 ramais 2052/2053.

Endereço para correspondência:

Companhia de Defesa Química, Biológica e Nuclear
Avenida Marechal Abreu Lima, 450 – Realengo
CEP 21735-240 – Rio de Janeiro-RJ
Tel/fax: (0xx21) 3331-2418 ou 3337-2442, ramal 2065

Verde Oliva FM

Música de qualidade
Informações precisas
Utilidade pública e variedades

www.verdeolivafm.exercito.gov.br
FALE CONOSCO!
verdeolivafm@exercito.gov.br - 3415-4952 ou 3322-4326



OSWALDO CRUZ

Filho do médico **Bento Gonçalves Cruz** e de **Amália Taborda de Bulhões Cruz**, **Oswaldo Cruz** nasceu dia 05 de agosto de 1872, na cidade de São Luís do Paraitinga-SP.

A família mudou-se para a Capital Federal, e, aos 15 anos, o adolescente ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Antes de concluir o curso, já publicara dois artigos sobre Microbiologia na revista *Brasil Médico*. Em 24 de dezembro de 1892, formou-se doutor em Medicina. Seu trabalho de final de ano, “Veiculação Microbiana pelas Águas”, obteve destaque na turma.

Em 1896, **Oswaldo Cruz** seguiu para a Europa a fim de especializar-se em Bacteriologia no Instituto Pasteur, em Paris, que na época reunia grandes nomes da Ciência. Lá também aprofundou seus conhecimentos em Epidemiologia e Medicina Sanitária.

Quando voltou ao Brasil, três anos depois, encontrou uma situação peculiar. Apesar de muitas cidades possuírem belos palacetes e casarões, havia graves problemas urbanos: rede insuficiente de água e esgoto, coleta de lixo precária e cortiços superpovoados. Nesse ambiente proliferavam muitas doenças, como a tuberculose, o sarampo, o tifo e a hanseníase. Alastravam-se, sobretudo, grandes epidemias de peste bubônica, febre amarela e varíola.

Oswaldo Cruz logo engajou-se no combate às doenças epidêmicas. Demonstrou que a epidemia da peste bubônica era incontrolável sem o emprego do medicamento adequado. Como a importação era demorada, propôs ao governo a instalação de um

instituto para fabricar o soro. Dessa forma, foi fundado, em 25 de maio de 1900, o Instituto Soroterápico Federal, cujo diretor técnico era o jovem bacteriologista.

Em 1903, foi nomeado Diretor-Geral de Saúde Pública, cargo que corresponde atualmente ao de Ministro da Saúde. Utilizando o Instituto como base de apoio técnico-científico, deflagrou memoráveis campanhas de saneamento. O médico criou as Brigadas Mata-Mosquitos – grupos de funcionários do Serviço Sanitário que promoviam a desinfecção e o extermínio dos mosquitos transmissores da febre amarela nas residências. Iniciou, também, a campanha de extermínio de ratos transmissores da peste bubônica espalhando raticidas pela cidade e mandando a população recolher o lixo.

O prestígio de **Oswaldo Cruz** no mundo científico internacional era já incontestável. Foi agraciado, durante o XIV Congresso Internacional de Higiene e Demografia, realizado em Berlim, Alemanha, em 1907, com medalha de ouro pelo trabalho de saneamento do Rio de Janeiro. No Brasil, ainda reformou o Código Sanitário e reestruturou os órgãos de saúde e higiene do País.

No ano seguinte, com o recrudescimento dos surtos de varíola, convenceu o Congresso a aprovar a Lei da Vacina Obrigatória, que visava à imunização em massa da população. Despreparado e mal orientado, o povo rejeitou a lei. **Oswaldo Cruz** venceu a batalha apenas em 1908, quando uma epidemia de varíola levou a população a, voluntariamente, dirigir-se aos postos de vacinação.

Deixou a Diretoria Geral de Saúde Pública, em 1909, e passou a se dedicar apenas ao Instituto Soroterápico, que fora rebatizado com o seu nome. Dali, lançou importantes expedições científicas que contribuíram para a ocupação do interior do País. Erradicou a febre amarela no Pará e realizou a campanha de saneamento da Amazônia. Contribuiu, também, para a conclusão das obras da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, cuja construção havia sido interrompida pelo grande número de mortes causadas pela malária entre os operários.

Em 1915, por motivos de saúde, abandonou a direção do Instituto Oswaldo Cruz. Ano seguinte, ajudou a fundar a Academia Brasileira de Ciências, na cidade do Rio de Janeiro, cujo principal objetivo era estimular a continuidade do trabalho científico dos seus membros, o desenvolvimento da pesquisa brasileira e a difusão da importância da ciência como fator fundamental para o desenvolvimento tecnológico do País.

Ainda em 1916, **Oswaldo Cruz** assumiu a prefeitura de Petrópolis- RJ, cidade para onde se mudou e para a qual havia traçado um vasto plano de urbanização. Mas, sofrendo de crise de insuficiência renal, afastou-se do cargo. Morreu a 11 de fevereiro de 1917, com apenas 44 anos. —

AMARELO OURO AZUL CELESTE VERDE ORGULHO

A Capemi completou 45 anos de existência
em julho de 2005.

COM MUITO ORGULHO.

Orgulho de ter correspondido às expectativas
de milhares e milhares de brasileiros previdentes
desde a sua fundação.

Orgulho por ter contribuído efetivamente com
os esforços gerais para atenuar um dos mais sérios
problemas sociais do país, que é a questão da
criança desassistida.

Orgulho de poder proclamar que ampara,
hoje, mais de 100 mil pessoas situadas na faixa da
pobreza absoluta.

Orgulho de ter suas origens estreitamente
ligadas às Forças Armadas, especialmente ao
Exército.

CAPEMI - Uma empresa genuinamente brasileira

COM MUITO ORGULHO.



Capemi

PREVIDÊNCIA • SEGUROS

ALÔ CAPEMI 0800 723 3030
www.capemi.com.br



Bandeira, presente em todos os rincões da Pátria a evocar a brasilidade, é o "estandarte que encerra as promessas divinas da esperança."